

**O MORIBUNDO CYSNE DO VOUGA,**

COLLECÇÃO

**D'ALGUMAS PEÇAS MAIS IMPORTANTES**

EXTRAHIDA DAS

**OBRAS POETICAS**

DO

*Sen. Francisco Joaquim Biegio,*

NOS

**ULTIMOS MOMENTOS DE SUA VIDA.**



**PORTO**

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL.

**1850.**

222

# O MORIBUNDO CYSNE DO VOUGA.

COLLECCÃO

D'ALGUMAS PEÇAS MAIS IMPORTANTES

EXTRAHIDA DAS

**OBRAS PÔETICAS**

DO

*Sr. Francisco Joaquim Binge,*

NOS

ULTIMOS MOMENTOS DE SUA VIDA.

bibRIA



**PORTO**

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL.

**1850.**

O. HONORANDO CASIMIRO DO LONCA.

COMPLIMENTOS

IN ALABRADA DE PAZ E FELICIDADE

EXTENSIVA DE

OPERA PASTORAL

DO

Rev. Sr. Casimiro do Lonca

1840

*O Vouga the deo ser, o Tejo a lyra.*

# bibRIA



PORTO

IMPRIMTA COMMERCIAL

1840



1874

AMERICAN

1874

AMERICAN CLASSICAL ASSOCIATION

bibRIA

OF THE

*[Faint, illegible text]*

# O MORIBUNDO CYSNE DO VOUGA.

## O DESENGANO.

### ODE.

*Falso, perverso Mundo...  
Ai de quem se confia em teus enganos!*

SEPULVEDA, POEMA, CANTO 10.

#### I.

**C**urvado sobre o lar da choça minha,  
Açotado do inverno, eu aquecia  
A um secco cepo de oliveira acceso  
As mãos enregeladas.

#### 2.

Pelas fendas da porta assobiava  
O talhante Nordeste; e, gelo agudo  
Peneirando, o telhado me cubria  
De gelada farinha.

3.

Era já alto sarão; tinha cantado  
O gallo velador a vez primeira,  
Quando á porta senti bater tres vezes,  
Com triplicado impulso.

4.

Uma pinha na mão tomando accesa,  
Corri nos altos sóccos tropeçando;  
Abri a porta, e vi um velho hirto,  
A um bordão encostado.

5.

Pelo braço o conduzo, e no meu poiso  
A' fogueira o sentei, que accesa estala:  
Sem nada me dizer, batia os dentes,  
Tiritando convulso.

6.

Uma bilha com quente mel, e vinho  
Promptamente lhe dou, que ao fogo tinha:  
Apenas o bebeo, um ai arranca  
Do coração já mórno.

7.

Então, fitando em mim seus olhos tristes,  
O venerando Ancião com voz piedosa,  
Dando ais amudados, compassivo  
Me falla d'esta sorte: =

8.

“ Bemfazejo Francelio, ah! quanto sinto  
De vir tão tarde seroar contigo!...  
Mas tu a culpa tens; pois nunca a porta,  
Quando eu bati, me abriste.

9.

Cego — e surdo á razão — fugiste sempre  
De te encontrar comigo ; ver-me nunca  
Quizeste , nem ouvir-me , ensurdecido  
Aos brados que te dava.

10.

“ E tu quem és , bom velho ? ” (eu espantado  
Lhe perguntei) : „ Eu sou (elle me disse)  
Aquelle que os mortaes ouvir não querem ,  
Senão no fim da vida.

11.

„ Eu de longe aos mancebos sempre brado =  
(Pois não posso correr , velho , atrás d'elles)  
Que ás falsas illusões ouvidos cerrem ,  
Que ao despenho os conduzem. =

12.

„ Elles parar não querem na carreira ;  
Eu — rouco de gritar — fructo não tiro :  
E se chego ao pé d'elles , é já quando  
Estão precipitados !

13.

„ Eu sou , Francelio , o tardo Desengano ,  
Que o resto do sarão contigo quero  
Esta noite passar ; pois tu — já velho —  
Fugir de mim não podes.

14.

„ No longo giro de setenta invernos ,  
Tu que lucro tirado tens , amigo ,  
Do jôgo das paixões , em que embebido  
Andaste toda a vida ? ! . . .

15.

„ Tu ao vendado Amor serviste cego ;  
Tu na profana lyra tens cantado  
Tirceas desleaes, falsas Alcinas,  
E Marilias ingratas.

16.

„ Com fingidos carinhos encantado,  
Ouviste o fatal canto das serêas,  
E o chôro de enganosos crocodilos,  
Que a mocidade matão.

17.

„ Se ás ciladas — com vida — inda escapaste,  
Não foi sem damno teu ; pois bem ferido  
Foste nestes encontros das ingratas,  
A quem louco serviste.

18.

„ Que te valeu trinta annos ter amado  
A perfida Marilia, se ella ingrata  
As costas te virou, vendo-te velho,  
Tombado da fortuna?

19.

„ Que ganhaste, Francelio, em dar louvores  
A guerreiros crueis, que heróes chamaste?  
Por ventura contigo repartirão  
Os roubados despojos?

20.

„ Que servio a Camões cantar sonoro  
Com tuba de oiro os Argonautas Lusos,  
Se elle pobre acabou, de porta em porta  
Mendigando o sustento?

21.

„ Tu tens espediçado versos de oiro  
Com fôfos cortesãos, venaes ministros.  
Puro incenso — á virtude só devido —  
Tens dado a vãos fantasmas.

22.

„ Onde estão os amigos lisongeiros,  
Que nos grandes festins palmas te davão?  
Ricos sempre de hypocritos applausos,  
De pródigas palavras? !..

23.

„ Que foi feito de uns taes, que não deixavão  
Jámais herva crescer á porta tua,  
Que elles continuamente não calcassem  
Com seus pés importunos?

24.

„ Tudo se evaporou, sumio-se tudo;  
Pois a scena virou da dependencia.  
Apenas cahe por terra o valimento,  
Tudo costas lhe vira.

25.

„ Não lembrão nunca mais os beneficios,  
Se acaso ao bemfeitor foge a ventura:  
Os convivas sociaes promptos desertão;  
Deixão-lhe a casa érma.

26.

„ Tu ha pouco inda viste um falso amigo,  
Simulado traidor — fingindo affagos —  
Arrancar-te das mãos o pão diario  
De teu parco sustento.

27.

„ Não contente com isto o monstro enorme ,  
(Inchado, sem motivo, em seu veneno)  
Tu o viste intentar com vil calúnia  
Levar-te ao cadafalso.

28.

„ Ah ! tu viste inda mais ! . . Tu viste aquelles ,  
Que creaste na infancia , e que devião  
Ter parte no teu justo sentimento ,  
Associar co' infame !!!

29.

„ Que paga , vê , te dão os vis ingratos ,  
Com quem trataste sempre , e a quem serviste ?  
Olha como as perjuras — que adoraste —  
Da tua queda riem !

30.

„ Se escapaste do misero naufragio ,  
Em teu pod're baixel c'o panno roto ,  
Partido o leme , desvairada a agulha ,  
Não tornes mais ás ondas.

31.

„ Nesta choça te abriga ás tempestades ;  
Aqueanta-te ao teu lar ; comigo falla ;  
Que um velho , como tu , ouvir só deve  
O velho Desengano.

32.

„ Pois que foste feliz — na queda tua —  
De eu inda a mão te dar , dos meus conselhos  
Não te affastes jámais ; inda que tarde  
Terás um fim ditoso.

33.

„ Não distante d'aqui , se a fito olhares ,  
As portas já verás da Eternidade :  
Encaminha-te a ellas por meu trilho ,  
Que á dextra porta guia.

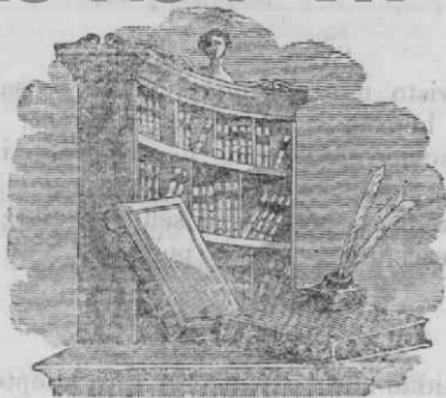
34.

„ Se tu não resvalares dos meus passos  
Para a sinistra mão ; quando subires  
A escada de Jacob , rir-te-has do mundo ,  
E de seus vãos encantos .”

35.

Disse o velho Ancião ; e , a casa enchendo  
Relampago de luz , desaparece ! ...  
Ah ! quão tarde me deixa o Desengano  
A mente illuminada !!!

bibRIA



## A INGRATIDÃO.

### ODE.

#### 1.



HOMEM bemfeitor, porque te espantas?  
Porque te sentes tanto?  
Por vêr da gratidão as aras santas  
Desertas, e sem culto? E' isto espanto?  
Não vês que a confissão dos beneficios  
Dá de baixaza indícios?

#### 2.

Que previsto mortal, que homem sensato  
Do bem a recompensa,  
Pertende achar na terra? E' sempre o ingrato  
Humilde na afflicção; elle só pensa,  
Quando submisso pede, em seu proveito;  
E esconde o fél no peito.

#### 3.

A ingratidão não quer, que os seus adeptos  
Se fação conhecidos,  
Por trazerem a marca em seus aspectos  
D'esse ferrete vil — de agradecidos:  
Do beneficio a confissão despreza;  
Ella a têm por vileza.

4.

Quer antes seus punhaes levar ao seio  
Do bemfeitor, infida ;  
Pagando a quem salva-o á morte veio,  
Com ser a sua barbara homicida ;  
Porque um ingrato coração de féra  
Assim se desonera.

5.

Terrível sempre foi para o que deve  
Do seu credor a vista :  
Passar por junto d'elle não se atreve ;  
Evita o triste encontro da entrevista ;  
Torce caminhos, foge de encontrá-lo,  
Deseja assassiná-lo !

6.

Já não se encontram Pilades e Orestes,  
Gratos, fiéis, constantes ;  
São raras as ternissimas Alcestes,  
E as Artemisas — conjugaes amantes ;  
Já não se matão Cleopatras, e Didos,  
Por amantes perdidos.

7.

Não forão os Caíns só fraticidas  
Do mundo no comêço ;  
Abunda a terra em Neros matricidas ;  
Houve mais de um Saül falso, e possesso ;  
Milhões havido tem de vis malvados,  
Da ingratidão vexados.

8.

Os filhos de Jacob — falsos — vendêrão  
Seu irmão innocente :  
Do duro captiveiro, que soffrêrão  
Os perfidos Hebreos, Moyses valente  
Os faz — livres — passar o mar enxuto ;  
E colhe ingrato fruto.

9.

Elle os sustenta fartos no deserto  
Do maná abundante:  
Elles o vêem fallar com Deos de perto  
No alto do Sinay flammi-troante;  
Faz chover codornizes, e agua pura  
Brotar a penha dura!

10.

Rebelde sempre a maravilhas tantas,  
Falso e duro em seu trato,  
Levanta sedições, murmura, e as santas  
Leis escriptas por Deos o povo ingrato  
Pragueja, e calca; e adora com desdoiro  
O vil bezerro de oiro.

11.

Contra David — seu pai — com braço armado  
Absalão falso, infido  
Se ergue, sendo por elle tanto amado.  
Sansão aos Filistheos vai ser vendido  
Pela ingrata, que adora — fementida —  
Por Dalila fingida.

12.

Quantos subido tem ao cadafalso,  
Que a patria tem salvado!  
Belisario, com testemunho falso  
Por ingratos, dos olhos foi privado.  
Aristides — o bom — por lei de ferro  
Soffreo cruel desterro.

13.

O memorando Ovidio, o Cantor triste  
Desterrado no Ponto,  
A' dôr da ingratição lá não resiste:  
Elle exclama, entre queixas, e ais sem conto:  
“ Não verás, Roma ingrata, os meus destroços;  
Não possuirás meus ossos.”

14.

Seneca, o mestre do maior tyranno,  
— Do feroz tigre — Nero —  
Em seu sangue faltar vio este insano  
Discipulo cruel, ingrato, e fero.  
Marco a Cicero fez, por seu desdoiro,  
Cortar a lingua de oiro.

15.

São muitos, que recebem beneficios,  
Os maiores. algozes  
Dos bemfeitores seus: os sacrificios  
Fazem ingratos mil — tigres ferozes —  
[Ah! feia ingratidão!] dos protectores —  
Que os salvão dos horrores.

16.

Mas que ha-de ser? se o mesmo Auctor da vida,  
Redemptor do Universo,  
Privado d'ella foi!... Brutal Deicida  
Foi o mundo remido... impio e perverso!!!  
Um discipulo amado — falso — o vende;  
E o povo — ingrato — o prende!!!

17.

São raras de encontrar as almas gratas  
Nesta Babel confusa:  
Coberto o mundo está de vis ingratas,  
Que apparecem com rosto de Medusa,  
Quando lhes tira a máscara do Engano  
O tardo Desengano.

18.

Se acaso ao bemfeitor sopra a fortuna  
No auge da grandeza,  
O disfarçado ingrato a alta columna  
Inda abraça, se vê que tem firmeza:  
Mas, se a derruba horrisona procella,  
Não passa junto d'ella.

19.

E' mais facil de vêr, qual já vio Roma  
Em seu Circo eruento,  
Esfaimado leão — arfando a côma —  
Contra \* Androclo correr... olhá-lo attento...  
Affagal-o... lambel-o agradecido,  
Do bem não esquecido!...

20.

Oh dura condição da humana raça,  
Ao mal sempre propensa!...  
Que vergonha uma fera, homem, te faça!...  
Que um leão — grato — pague a recompensa  
Do recebido bem!... E tu — ingrato —  
Negues de amor o trato!!!

21.

Ah! se a dextra creou de um Deus irado  
Duro supplicio eterno...  
Que fogo vingador, sempre ateadado,  
Elle não tem no pavoroso inferno!...  
Que tormentos sem fim!... Que horriveis tratos!...  
Para punir ingratos!!!

---

\* Vid. Auli Gallii Noctes Atticæ — Lib. 5. Cap. 14.  
pag. mihi 343. edit. Lugduni 1666.



— 121 —

Uma noite, que a luz os praeitos  
Argentinos mostrava ardebolada,  
E os xephyros, pringos de as levas  
Alzando — zumbindo — as tumbas  
O salitico Deus ouve nos rupos  
Das velhas torres — toda a noite — tristes,  
Amindados aspirar de d'ellas,  
Gomer os machos, labrator congas,  
Com torreas vozes, dolozos pios

Enão, juntando o Vato em seus unidos  
Os ayouteiros sons  
Los noctivos passos sinistros  
E stando na luz os fanceos olhos  
Arcanos descobidos, rompos furtivos  
E os luvres fados peracurion veidados...  
Elle vio, elle viu — no grande livro  
Das destinas do mundo — a sua terna  
Nos torreas ais das argenteiras aves,  
Los profetas dem rindendo em clammas,  
E dum anjo debrando  
A babilica de seton faldadas

**PROTHEO.**

# bibRIA



nde o Tejo vomita as aguas doces,  
Para as ondas beber do mar salgado,  
Não distante da foz, em loira praia,  
Que do antigo Restello toma o nome,  
Uma torre se vê; e, em frente d'ella,  
Pela parte do Sul outra se amostra,  
Que na pública voz *Velha* se chama.

Nas fendidas ameias d'estas torres  
Pião de noite as agoureiras aves,  
Que sinistros desastres annuncião.  
O vidente Protheo, pastor marinho,  
Costuma lá nas convisinhas praias  
O rebanho trazer dos verdes phocas  
A retouçar nos limos prenhes d'agua.  
Muitas vezes — alli — na liza areia  
De vigia a seu gado tambem fica.

Uma noite, que a lua os quatro quartos  
Argentinos mostrava arredondada,  
E os zephyros brincões co'as leves plumas  
Alizávão — zumbindo — as mansas aguas,  
O fatídico Deos ouviu nos tôpos  
Das velhas torres — toda a noite — tristes,  
Amiudados suspirar os bufos,  
Gemer os mochos, ladrejar corujas  
Com roucas vozes, dolorosos pios.

Então, juntando o Vate em seus ouvidos  
Os agoureiros sons desentoados  
Dos noctivagos passaros sinistros,  
E fitando na lua os lynceos olhos,  
Arcanos descobrio, rompeo futuros,  
E os turvos fados perscrutou vedados...  
Elle vio, elle leu — no grande livro  
Dos destinos do mundo — a justa causa  
Dos roucos ais das agoureiras aves.  
Do profético dom ardendo em chammas,  
E d'um sacro delirio arrebatado,  
A fatídica voz soltou, bradando: =

Velho Tejo descuidado,  
Que por estas torres passas,  
Sem escutar os agouros  
Das tuas fataes desgraças:

Não ouves as tristes aves  
Nocturnas, que estão piando,  
Um teu porvir desditoso  
Sinistras annunciando?

Quanto esquecido não vives  
De tuas antigas glórias,  
Quando lá d'Asia te vinhão  
As palmas de altas victorias!

Então por essas ameias,  
Sobre as Quinas triumphaes,  
Cantavão aves sonoras...  
Hoje agoureiras, fataes.

Vem ouvir o que annuncião  
Os seus pios lamentosos;  
Escuta o meu vaticinio  
De teus fados desastrosos.

Subio ao zenith da gloria  
O teu glorioso nome;  
Deo leis ao Ganges, ao Indo...  
Mas hoje o Lethes o some.

Hoje da audacia do Gama,  
E de seus nautas ousados  
Que nos resta?... só memoria  
Dos Varões assignalados.

D'esses teus filhos valentes,  
Que tanta gloria colhêrão,  
N'estes dias pavorosos  
Outros bastardos nascêrão.

Aquelles — te derão fama  
Com valor constante, e forte;  
Estes — com suas intrigas  
Só pertendem dar-te a morte.

Ai de ti, Famoso Tejo!  
Ai de ti, Lusa Nação!  
Vós ides a ser sumidos  
N'um anarquico volcão.

Esses noctivagos passaros  
Vos dizem, nos seus agouros,  
Que se vão murchar de todo  
Os vossos antigos louros.

No grande livro dos Fados  
Eu li que a triste Ulyssêa  
Vai a ter a mesma sorte,  
Que teve a altiva Pompêa.

Aquelle tão decantado,  
Nobre Reino Lusitano,  
Vai desappar'cer do Globo  
A' maneira d' Herculano.

Mas não são os repelões  
D'inflammados mineraes,  
Que as sepulturas vos abrem,  
São os vossos naturaes.

São vossos filhos traidores,  
Rebeldes, que — ardendo em ira —  
Querem fazer, de Lisboa,  
Outra deserta Palmira.

São elles, que só trabalhão  
Para seu mortal estrago;  
Que os Scipiões desafião  
A queimar esta Carthago.

Com seus ardís cavilosos,  
Com refalsada tramoia,  
Pertendem — da Lusitania —  
Fazer uma nova Troia.

Assim os grandes imperios,  
Sob as guerras intestinas,  
Soffrêrão crueis estragos,  
Tiverão fataes ruinas.

Assim acabou o Egypto;  
Assim a Syria co' a Persia;  
Assim a gloria de Roma;  
Assim a fama da Grecia.

Tu também por muitas vezes  
Escravo, ó Tejo, te viste;  
Debaixo de alheio jugo  
Por longos annos serviste.

Porém não forão teus filhos,  
Que te lançarão os ferros;  
Forão Romanos soberbos,  
Selingos, Suévos perros.

Forão os Celtas ferozes,  
Bravos Godos, crus Alanos;  
E, sete seculos tristes,  
Os cruentos Mauritanos.

D'esses crueis captiveiros,  
Tão longos, só te livrarão  
Teus Portuguezes valentes,  
Que os duros ferros quebrarão.

Pelo patrio amor unidos  
Guerreiras nações vencerão;  
Nas quatro partes do Mundo  
Brilhantes louros colherão.

Hoje teus filhos bastardos  
Uns aos outros se degollão;  
E a seus caprichos vaidosos  
Seus proprios irmãos immolão.

De imaginárias venturas  
Tem prenhes suas ideias;  
E — desavindos — trabalham  
Em coisas do bem alheias.

A liberdade, que gosão,  
E' qual cavallo sem freio,  
Que vai cahir desbocado  
No precipicio do enleio.

Onde virtude não ha,  
Não póde haver união;  
E, quando faltão as forças,  
Os reinos cahem no chão.

Estes são, ó Lusitanos,  
Os motivos verdadeiros  
Porque taes aves não deixão  
Os seus pios agoureiros.

Se me não mente o futuro,  
Entre tão negros azares,  
O' Tejo, tu vais sumir-te  
No despotismo dos mares!

Aqui parou o interprete vidente  
Dos tristes pios das nocturnas aves,  
Pondo termo a seu duro vaticinio  
Com estrondoso ai, que repetido  
Cem vezes foi d'um polyphonio echo. (\*)

O desditoso Tejo, que escutava  
As palavras fataes da prophécia,  
Convulso alevantou ao lume d'agua  
A veneranda fronte auri-limosa;  
E, bradando — assustado — pelo Vate,  
O vio, ao longe já, saltar no peço,  
Conduzindo o marítimo rebanho  
Aos marinhos curraes do Padre Oceano.

---

(\*) O celebre Echo polyphonio da casa Simoneta — nos suburbios de Milão — repete uma palavra mais de cem vezes.

Viajante Universal. Vol. 49. pag. 14.



O Deus que em tuos olhos o mundo  
Que as caméas preside no alto  
De poezia —

### METAMORPHOSE

Com elle as aureas fôrmas já se vão  
Da lyra, que as hirs d'Amor, cantava  
Graças da amada — *Cysne, e da Gralha.*

O Vouguense — para oullo —  
A fronte encimada sobre o argento  
E em tanta a tropa se hão de —

**Q**nde a antiga Talábriga alça a frente,  
Que o Vouga enrâma — que a tornêa, e lava —  
Que affoita assombrou já o grão tridente —

Francelio com Marilia se abraçava;  
E na amorosa chamma se accendião  
Da fogosa paixão, que Amor soprava.

Era no prisco tempo, em que sahião  
Por sua foz seus grã-navegadores,  
Que as escondidas terras descobrião. (\*)

N'estas frescas ribeiras seus amores,  
Gosando em doce paz, davão inveja  
A's Vouguenses Nâyades, e aos pastores.

---

(\*) Aos affouts navegadores commerciaes d'Aveiro se deve o descobrimento da costa septentrional d'America, a peninsula — que chamárão Terra-Nova — onde fazião a pesca do bacalhão. O famoso João Affonso d'Aveiro adiantou muito o descobrimento da costa d'Africa em o reinado de El-Rei D. João 2.º, tanto da Ilha a que deixou o seu appellido, como da terra firme do reino de Beny, d'onde trouxe um embaixador a Portugal; e, por trazer tambem a primeira pimenta, foi a causa proxima da conquista da India.

O Deos, qu'em chryseo coche o Ceo volteja,  
Que ás camenas preside no alto Pindo,  
De poeta a Francelio o dom bafeja.

Com elle as aureas fibras já ferindo  
Da lyra, que lhe déra Amor, cantava  
Graças da amada ao patrio côro lindo.

O Vouga — para ouvil-o — alevantava  
A fronte encanecida sobre o argento,  
E em torno a tropa senhoril boiáva.

Da campezina fistula, o instrumento  
Depunha Pan, e o cólo debruçando  
De cima d'alto choupo, o ouvia attento.

Favonio — as rôxas azas peneirando —  
Se librava no ar deixando as flores,  
Com que sempre travesso anda brincando.

Apinhados, aligeros Amores  
As pequeninas palmas lhe batião,  
Lançando em terra os aureos passadores.

Riã-se os campos, as florestas rião,  
Quando o vate amador pulsava a lyra,  
E n'ella resoar Marilia ouvião.

Ella era o seu altar, ella era a pyra,  
A thuricrema ara, em cujo lume  
Lhe ardia o coração, que ella possuira.

Marilia — sobre a terra — era o seu nume,  
A quem sacrificava os seus affectos  
Co' a secrete do amor de affiado gume.

Intentava o cantor, nos seus projectos,  
Da amada nympha eternisar o nome,  
E aos vindouros levar seus dons selectos.

Mas o tempo feroz — que os bronzes come —  
Que do curso lunar varia o fio —  
Que muda inclinações — que tudo some —

Den á falsa Marilia tal desvio  
De ouvir cantar seu nome ao vate amante,  
Qu'ingrata o abandonou sem dôr, sem brio!...

Vendo o triste amador, n'um só instante,  
Romper traidora mão o antigo laço,  
Que — ha seis lustros — durava em nó constante...

A lyra arremessou ao rio, — baço  
Com as turvas correntes de seu pranto;  
E aos Divos declinou do ethereo espaço.

„ Numes, ao throno vosso a voz levanto;  
Castigai da perjura os vís enredos;  
Meus votos acolhei, vingai meu canto.

„ Vouguenses nymphas minhas, que os segredos  
„ D'este vosso cantor — tão terno — ouvistes  
„ Por estas frescas margens, e arvoredos;

„ Se vos dei fama, se prazer sentistes  
„ Quando cantava a desleal ingrata,  
„ Que ella o viesse a ser, não presumistes.

„ Hoje na triste dôr, que me arrebatou,  
„ Venho queixar-me a Vós d'essa perjura,  
„ D'essa falsa, cruel, que assim me trata.

„ Que no mundo não ha dicta segura,  
„ Bem tarde reconheço: em vivas frâgoas  
„ Ardí — firme amador — sem ter ventura.

„ Eu vou, ó patrio Vouga, em vossas agoas  
„ Que tanto celebrei, lavar a chaga;  
„ N'ellas vou sepultar as minhas mágoas.

„ Ouvia, Numes do Olympo, a minha praga M. .  
„ Castigai a traidera, que me offende,  
„ Que deu a tanto amor tão feia pagai...

Disse : e — d'alto rochedo — o corpo pende  
Na lympha de christal ; e foi nos braços  
Cahir do Padre Vouga, que o suspende.

Todas as nymphas de seus vítreos paços,  
Com suspiros, com ais, o recebêrão,  
Revezadas — com dôr — em seus regaços.

Os Divos, que no Céu se condoêrão  
Do cantor infeliz, em Cysne brando,  
Palmípede, do Vouga, o convertêrão.

Eis nas suas espadoas rebentando  
Lizas, candidas azas, se cobria  
De nítida plumage, o côlo arfando.

Este — com garbo airoso — se estendia  
Perdendo a voz humana ; e, adelgaçada,  
Toda se transformou em melodia.

Ave aquatica fica... consagrada  
A Phebo, e nove irmãs :... sua doçura  
E', por mercê do Pindo, aos Vates dada.

Inda ás vezes, lembrado da perjura,  
A sua ingravidão o Cysne canta ;  
E é mais terno, conjuncto á sepultura.

Quando quer espirar, a voz levanta ;  
E as nenias funeraes do seu occaso  
Sôlta em doces accents da garganta. (\*)

---

(\*) Dulcia defecta modulatur carmina lingua  
Cantator ceynus funeris ipse fui.  
Marcial. Epigra. Liv. 13. N. 74.

Marilia desleal, que soube o cazo  
Do sentido Francelio — transformado —  
Se ria, por o vêr nadar tão razo.

Porem não tardou muito, que do Fado  
Ella o justo castigo não sentisse,  
Vendo — o garbo traidor — tambem mudado.

Para que do Amador mais se não risse,  
Em negra, rouca Gralha, transformada  
Quiz Apollo, que subito se visse !...

Vendo-se em feia fôrma assim mudada,  
Quiz o amante invocar ; e — a voz alçando —  
Não se lhe ouvio senão rouca grasnada !

D'ella as nimphas do Vouga então zombando,  
Batendo as negras azas se levanta —  
Ave mexeriqueira — e vai palrando... (\*)

Quando o cysne no fluido argento canta,  
Grasna a Gralha no ar, inda traidora :  
Elle — co' a doce voz — a tudo encanta,  
Ella — c' o rouco som — a tudo agoura.

---

(\*) Ave mexeriqueira é a Gralha.  
Ovid. Metamorph. Liv. 2.



## APOLOGO.

*A Serea , o Crocodilo , e o Macaco.*



DISPUTAVÃO fortemente  
Nas frescas margens do Nilo,  
Sobre o manejo do engano,  
A Serea e o Crocodilo

Jactava-se este vil monstro  
Matar os homens , chorando ;  
Vangloriáva-se a Serea  
Matar os homens , cantando.

„ Eu (dizia o Crocodilo)  
Affecto um chorar mavioso ;  
Depois despedaço — rindo —  
A quem me accode , piedoso. „

„ Pois eu não ; com mais destreza  
Sonora me faço ouvir :  
(Disse a Serea) — e nas ondas  
Faço os nautas submergir. „

Um Macaco, que enroscado  
Estava n'uma palmeira,  
Ouvio — attento — a conversa  
Da jactancia carniceira :

Mas — não podendo soffrer  
A tal questão depravada —  
Deo, do ramo onde pousava,  
Uma tremenda apupada.

Eis n'isto as feras — alçando  
Os olhos, e vendo o Mõno,  
Fazendo várias momices,  
Mui repimpado em seu throno —

Lhe disserão : “ Já que ouviste  
Do nosso engano os ardís,  
Sê d'esta nossa contenda  
Hoje, ó Macaco, o juiz.

„ Nós nos louvâmos em ti,  
Como as Deosas se louvarão  
Em Páris, quando do pômo  
De oiro a posse disputarão.

„ Decide prudente, e recto =  
Qual de nós é mais tyranno ;  
Qual de nós deve empunhar  
O sceptro do falso engano. = „

O Macaco, assás manhoso,  
E assás no mundo experiente  
Dos monstros da Natureza,  
Sentenceou de repente :

“ Tenho ouvido a vossa teima;  
Podeis casar sem dispensa :  
Ambos reunís o engano  
Da mulher! = eis a sentença = „

A decisão do Macaco,  
N'esta fabula nos diz,  
Que a mulher reune em si  
Dos dois monstros os ardís.

A mulher engana — e mata,  
Quando se põe a chorar ;  
A mulher engana — e mata,  
Quando se põe a cantar.

Homens, fazei-vos Macacos ;  
Se não — ficareis perdidos :  
Ou a mulher cante ou chore,  
Tapai os vossos ouvidos.



*Ao Snr. Francisco Luiz d'Abreu, que — estando casado, e estabelecido em Pernambuco — voou a Portugal para valer a sua mãe decrepita, e a seu irmão, preso na Relação do Porto, por motivos politicos, no tempo da Usurpação em 1830.*

## ODE

E

### SONETO DEDICATORIO.

# bibRIA



Septuagenario já, a velha lyra  
Mal posso dedilhar co' a mão tremente:  
Cansada tenho já a voz cadente,  
Que algum dia accendeo de amor a pyra.

Apollineo clarão já não me inspira  
Influxo divinal de um estro ardente;  
A decrepita idade — o Deos fulgente —  
Já não ousa aquecer, costas me vira.

Aquelle gaz, que me inflammava tanto,  
Desfalleceo de todo; apouentado,  
Já debalde nas azas me levanto:

Porem teu nobre arrojo sublimado,  
Se faz, ó grande Abreu, erguer meu canto,  
E' voz de Cysne á morte aproximado.

ODE. \*  
Ao Sr. Francisco Luiz — estando casado,  
e estabelecido em Pernambuco — reza a Portugal  
para obter a sua nobre despoza, e a seu irmão,  
preso na Ilhação do Porto, por motivos políticos, no  
tempo da Usurpação em 1830.

ODE

1.

**E**m motivo não foi, que aos Ceos alçarão  
Doutos Vates na sábia antiguidade  
Os dois gemeos irmãos, e os collocarão,  
Modello da amisade,  
Fulgurando entre as nítidas estrellas,  
Quaes as Vergílias bellas.

2.

O Thebano cantor abandonava  
A lyra, que do chão Thebas erguia,  
Se a venatoria trompa resoava;  
E rapido seguia  
O caçador irmão com puro affecto,  
O seu querido Zetho.

---

(\*) Tenho interesse pessoal na impressão desta Ode, para dar um testemunho público do meu reconhecimento ao rasgo da generosidade de meu extremoso irmão. Devo-lhe a maior das dividas — a minha actual existencia; porque, sem os seus soccorros pecuniarios, eu teria perecido á mingoa nas prizões d'Almeida — durante o tempo da Usurpação. Para não offender — em mais subido grau — sua excessiva modestia, deixo ainda encerrado no peito tudo o que a minha profunda gratidão queria, e — neste momento — devia manifestar ao publico. (O editor).

3.

Em nó gordio, que o tempo não desata,  
Nem corta de Alexandre a invicta espada,  
O puro Amor — constante — eternos ata,  
Com sua mão sagrada,  
Niso e Euryalo, Pylades e Orestes  
Nas regiões celestes.

4.

Se inda hoje em seus clarins eleva a fama  
Da incendiada Troia o Teucro ousado  
C'os Penates — c'o pai — que adora, e ama,  
Fugindo carregado...  
Tu, Abreu, por valer aos patrios lares —  
Dóbras mais longos mares.

5.

Com amor filial, fraterno affecto,  
A teu bom coração soltando as velas,  
Sem temer de Neptuno o horrendo aspecto,  
E a furia das procellas;  
Tu — irmão — sem igual, tu — sem par — filho  
Vens espargir teu brilho.

6.

Apenas — no Brazil — por ti ouvidos  
Da decrepita mãe os ais cançados,  
Do preso irmão os funebres gemidos...  
Dois punhaes aguçados  
O teu sensível coração ferião,  
E as azas lhe estendião.

7.

Oh ceos! que negro quadro de tristeza  
Amor com viva mágoa, e negra tinta,  
Promptamente gemendo, com destreza  
Na tua idéa pinta!...  
N'elle teus olhos — rios dois — fitando  
Ficaste mudo olhando!...

8.

Alli com viva dôr se te afigura  
Os dois caros objectos vêr pintados,  
Opprimidos c'o peso da amargura  
Em dias eclipsados:  
A terna mãi viuva em pranto e berros,  
E o triste irmão em ferros!

9.

O duro desamparo dos dilectos,  
Consocios de tua alma tão distantes,  
Transportando teus candidos affectos,  
Azas lhes deo prestantes,  
Para voar — do solo americano —  
Ao ninho lusitano.

10.

“ Meu terno coração, a amor votado,  
„ Divída Amor (disseste) em quatro partes,  
„ Co' a esposa, filhos, mãi, e irmão amado:  
E promptamente partes.  
Duas porções do coração lá deixas;  
E com duas desfeixas.

11.

Que amante esposo! oh ceos! que pai mavioso!  
Que — terno — filho bom! que irmão — tão fido!...  
Tu és — sem par — Abreu!!!... Mais amoroso  
Que o nadador de Abydo:  
Tu — por amor — transpões mares sem conto;  
Elle — o estreito Hellesponto.

12.

Entre as constellações, que nos Ceos brilhão,  
Da candida amisade, és tu a c'roa  
De um puro amor fulgente: ellas se humilhão  
Quando a fama apregoa  
Teu grande rasgo de finezas bellas,  
Mais vivas que as estrellas.

13.

Vem pois, heroe de amor, varão perfeito ;  
A' consternada mãe enxuga o pranto ;  
Encosta o triste irmão ao terno peito ;  
Recolhe-os no teu, sancto  
Asylo fido da tua alma pura ;  
Doira-lhe a sorte escura.

14.

Do nosso patrio Vouga venerando  
Vem ser o Semideos do amor mais puro...  
Que as suas claras nymphas levantando  
Te estão padrão seguro  
No seu canto, que leve á eternidade  
O alto Heroe da amizade !

bibRIA



VELHICE E POBREZA.

SONETO.

orroeo pobre — o Camões, pobre — o Garção ;  
Quita, e Mattos vivêrão na pobreza ;  
Bocage teve lances de escasseza,  
Muitos dias soffreo falta de pão.

Santos e Silva tinha uma razão  
Do Hospital na botica por fineza :  
Parece que capricha a natureza  
Em fechar á poesia a dextra mão!!!

Aquelles forão Vates de alto espanto,  
Que deixárão no mundo eterno nome,  
Muitas vezes comendo o proprio pranto :

Tal o Bingre, mirrado se consome ;  
Se os não pôde imitar no doce canto,  
Elle os imita victima da fome.

---

## ARUSPICINA.

Ha na serra de Cintra um antro antigo,  
Cavado pelo mar na rocha viva,  
Onde encantados Vates tem abrigo.

E' tradiçãõ, que fõra alli activa  
Eschola de famosos adivinhos,  
Augúres da triforme Hecáté diva.

Alli nocturnas aves tem seus ninhos,  
Que de noite apavórão, com seus pios,  
Os povos dos casaes circumvisinhos.

Ouvem-se alli mugir touros bravios,  
Que são nas fataes aras degolados  
Pelos magos Arúspices sombrios.

Alli, transpondo os cerros escavados,  
A desditosa Lysia — descorada —  
Entrou pungida de seus negros fados.

Bem no fundo da gruta arredondada,  
Uma ampla sala vio, com aras cento,  
De tosca — negra pedra — mal lavrada.

Eis que — vendo o barbáto ajuntamento,  
De um grande candelabro á luz pingosa  
Perfilado em redor do pavimento —

Deu tres passos atraz, parou medrosa;  
Pois que o concláve triste, e silencioso  
Fazia ésta caverna respeitosa.

Mas, arrancando um ai do peito ancioso,  
Para o rancho vidente do futuro  
Se aproximou — com passo duvidoso.

“ Sabio Congresso, (disse) Sabio Auguro,  
„ Que perscrutas das rezes nas entranhas  
„ O cerrado porvir do fado escuro ;

„ Minhas tristes angustias são tamanhas,  
„ Que vos vem consultar neste recinto,  
„ Que occulta o coração destas montanhas.

„ E' tão embaralhado o mal, que sinto,  
„ De meus cruceis azares, que não posso  
„ Com o fio acertar do labyrintho.

„ Aqui venho implorar o saber vosso;  
„ Lêde no grande livro dos destinos,  
„ S' elles marcado tem o meu destrôço.

„ Immolai uma rez, Vates divinos;  
„ Indagai meu porvir, lêde o meu fado  
„ Nos quentes — palpitantes — intestinos.

„ Fatídico Congresso, iniciado  
„ Nos profundos mysterios pythonis, o  
„ Consultai vosso oraculo sagrado.

„ Porém ah!... Vós estais inda indecisos,  
„ Se deveis a meu rôgo dar ouvidos  
„ Com os vossos propheticos juisos?

„ Não (o mestre lhe diz); ensurdecidos  
„ Não estamos á tua dôr amara:  
„ Nós temos compaixão dos teus gemidos l...”

Eis — prompto — ao sacrificio se prepara;  
E manda um louro vir, novo bezerro,  
Que atou — de pés, e mãos — em ampla ara.

E logo, levantando o curvo ferro,  
D'um golpe immóla a victima innocente,  
Que deo — quando cahio — tremendo berro.

Eis d'alto a baixo a abriu rapidamente;  
E as mãos mette nos bofes palpitantes;  
E o coração — na dextra — aperta quente.

Logo os mais sacerdotes circumstantés —  
Derão tres grandes brados, por tres vezes,  
Com formidaveis urros ululantes.

E, arrancando o deventre com as fezes,  
O principal Augúro — nas costellas —  
O destino indagou dos Portuguezes.

Medindó as ósseas linhas parallelas,  
Que se engranzão no fio do espinhaço,  
Vio — que erão, quasi todas, amarellas. —

As dimensões, tomadas a compasso,  
Outro escrevia, em caracteres magos,  
Em lisa pedra — com ponteiro de aço.

Vio filamentos de crúeis estragos;  
Descubrio veias de enredados damnos;  
E uns tecidos de nervos aziagos.

Minutos, horas, dias, mezes, annos,  
Nove vezes gravou na pedra lisa,  
Onde augurava os fados Lusitanos.

Então juntando tudo, que divisa,  
Abrazado no ardor do fatalismo,  
Um medonho porvir lhe prophetisa:

„ Não ha, Lysia, (lhe diz) já patriotismo;  
„ Que te possa salvar da fatal queda,  
„ Traçada pelas mãos do torpe egoísmo.

„ Ninguém do precipicio já te arreda,  
„ Nem de ser abrasada em tétra chamma;  
„ Pois que a Discordia assópra a lavareda.

„ Se alguém inda — por ti — d'amor s'inflamma...  
„ Esse forças não tem, que cortar possão  
„ Os laços da traição, do egoísmo a trama.

„ Teus — inimigos filhos — que se apossão  
„ Das veredas da tua monarchia,  
„ Todos os teus projectos te destroção.

„ Ai! ai de ti! ... ai da inclita Maria! ...  
„ Aqui tens de teus males toda a somma  
„ Neste negro papel de propheta...

„ Ai desgraçada mãe! aqui tens; toma  
„ O vaticínio, que te cabe em sorte...  
„ Assim findou a minha patria — Roma! ...

„ Tu foste — qual foi Roma — rica, e forte;  
„ E em todo o mundo triumphal, famosa...  
„ Hoje o teu esplendor vai soffrer morte! ...

„ Perdida estás, ó Lysia desditosa:  
„ Sahe depressa d'aqui; não mais te internes.  
„ Só te pôde salvar Judith formosa,  
„ Se a cabeça cortar d'esse Holofernes.”



## A AVAREZA.

### ODE.

1.

s cofres incintados,  
Do amarello metal — há muito — preñhes,  
O Avaro desfecha, abre com susto;  
E do alastrado ouro a vista céva  
Nas cunhadas medalhas.

2.

Risonho estende-as todas  
N'um lavado lençol, que alarga e estira;  
E, depois de as contar trez vezes, pensa  
Como possa outro encher de igual quantia  
Com traficancias novas.

3.

A Cubiça lhe aponta  
A sua amada Usura... Divindade,  
A que elle — mui submisso — presta culto,  
No fraudulento giro negociozo,  
Que as ferreas burras lhe enche.

4.

As dobras remexendo,  
Alimpa-lhe o bolor, e o pó lhe assopra:  
„ Ah! que lindas não são (exclama sófrego —  
De susto, e de esperança combatido —)  
As sob'ranas effigies!

5.

„ Este gentil dinheiro,  
Estas regias figuras nunca devem  
Chegar ás mãos d'hediondas regateiras,  
De sujos almocreves — gentes porcas —  
Que as enchem de azinhabre.

6.

„ Para andarem aos tombos  
Pelas palmas de sordidos bregeiros,  
De prodigos vadios jogadores,  
Ellas não se cunharão; para esses  
Cunhou-se o cobre, e o bronze.

7.

„ As preciosas Peças,  
Os grandiosos Dobrões, aureas Moedas,  
Carecem de alta estima, e grande asseio;  
Livres do ar corrupto, e mau olhado  
De empolgantes millíafres.

8.

„ E' por isso, que as tenho  
Dos ferreos cofres no tristonho encêrro,  
Em abafo fechadas a tres chaves,  
Que — nas carnes da cinta — presas trago,  
Cilicio do meu uso.

9.

„ E pensa alguém que eu durmo,  
Em quanto ellas repousão no seu leito? ...  
Eu as vigio, desvelado sempre  
Todas as noites — atalaia firme —  
Qual Argos de cem olhos.

10.

„ Na mansidão das arcas  
Este encêrro estranhar ellas não devem.  
Como virgens estão, em paz ditosa  
Enclaustradas, sem temor dos lances  
Do Mundo corrompido.

11.

„ Não teve acaso o ouro  
Lá no centro da Terra o natal berço?  
Que seria de ti, metal formoso,  
Se a cubiçosa Deosa, que eu adoro,  
Te não desenterrasse? ...

12.

„ Sepultado nas trevas  
Ficáras sempre lá sem brilhantismo! ...  
A' Deosa debes o gosar delicias,  
Que te prodigalisão meus consocios,  
Os sacerdotes d'ella.

13.

„ Vós, fulgentes medalhas,  
Do aureo germen de Phebo, se reclusas  
Estaes em meu poder, gosaes mil cultos,  
Que o meu amor vos dá, caricias, mimos,  
E beijos amiudados.

14.

„ Não vos visito eu sempre?  
Não vos mostro do lindo Sol aos raios,  
Por entre as gelosias de aço fino  
D'esta vossa prisão? não sois as lindas  
Meninas dos meus olhos?

15.

„ Não é a vossa sorte,  
N'esta doce prisão do meu affecto,  
Mais venturosa no tranquillo pouso?  
Terieis n'esse vil, devasso giro,  
Mais feliz existência?

16.

„ Não é melhor, meninas,  
Viver aqui comigo em brando ocio,  
Que andar em duras guerras barulhadas,  
Tintas de sangue, pelo chão calcadas,  
Ou em mochilas sujas?

17.

„ Quaes são as bellas damas,  
Que gostão de se ver enxovalhadas  
Pelas farruscas mãos de um carvoeiro,  
Ou de um cebento esfolador tedioso,  
Que fétido trescála? ...

18.

„ Quando as tampas levanto  
Desse vosso repouso... oh! que fragancias  
Divinas não soltaes!... Eu tive o accôrdo  
De vos cubrir de cravos e de rosas,  
Quando vos fechei n'elle.

19.

„ Aqui livres das furias  
Estaes dos negros furacões raivosos,  
Que lá no meio dos alterosos mares  
Vos submergem, c' os nautas ambiciosos,  
No seu lodôso pégo.

20.

„ Aqui descanso eterno  
Comigo disfrutais, gentis amigas;  
Eu não vos vendo nunca, nem vos tróco  
Por çafados tostões, sóalhas de cobre,  
Nem por patacos falsos.

21.

„ Ao tomo de tres dados,  
Aos sete de levar, á paz de pírolo  
Jámais vos arrisquei!... Em fôfas modas  
Nem em mesas de opíparos manjares,  
Não vos desgasto nunca!...

22.

„ A grande sobriedade  
De meu parco sustento é bem notoria.  
Quaesquer quarenta reis mantem-me um dia;  
Nunca fui comilão; não cinquei nunca  
No peccado da gula.

23.

„ Não desperdiço galas;  
Umás meas de lã, calcões de risso,  
Uns çapatos de vira, uma borjaca  
De burel grosso, e bom chapeo de Braga  
Formão todo o meu luxo.

24.

„ A corridas de touros ,  
A comedias não vou , festins , nem danças ;  
Com passeios jámais perco o meu tempo ;  
Comvosco me entretenho , amadas lours ,  
Em doce passa-tempo .

25.

„ Se todos se abraçassem  
Com a sóbria , sagrada economia ,  
Voar não se verião muitos homens  
De pernas para o ar , quaes leves pennas ,  
Sem cinco reis nos bolços .

26.

„ Em vós , aureas medalhas ,  
Emprégo o pensamento , e meus cuidados :  
Vós , ó presas gentis , sois os meus Numes ;  
De vós é um perpétuo prisioneiro  
O vosso carcereiro .”



**AO NATALICIO DO AUTHOR.**

*Em 17 de Julho de 1843, fazendo 80 annos de idade.*

**ODE.**

**1.**



Hoje patrio Vouga ancião, o cantor vosso  
Hoje fixou o circulo da vida;  
Marcon o seu destroço  
Octogenaria lida.  
No bronze o Tempo deo co' a mão pesada  
A ultima pancada.

**2.**

Seu relógio fugaz o derradeiro  
Natalicio apontou da longa era;  
Emperrou o ponteiro  
No oitenta, que numera.  
Lachesis pôz na róca com fadiga  
A derradeira estriga:

**3.**

Já torto o fuso tem, já mal o trilha,  
Cançada de fiar, nos dedos gastos.  
E Clótho, que ensarilha,  
Traz a meada a rastos.  
Átropos féra, co' a tesoura aberta,  
Quasi os anneis lhe aperta.

4.

Nimphas patricias, não touqueis com rosas  
O seu tristonho Natalicio dia ...  
Com as flôres saudosas  
Cingi-lhe a fronte fria.  
Só lhe competem — nas extremas horas —  
(1) Saudades, passi-floras. (2)

5.

Não mais, Nimphas, não mais; finde o festejo  
Das sonoras canções ao natalicio  
Do Vate, que no Tejo  
Teve — ás vezes — propicio  
O refulgente Apollo com espanto  
No trovão do seu canto.

6.

Hoje, em vez de Canções, só Elegias  
Deveis cantar a seus longévos annos...  
Com endêixas sombrias,  
Nenias de desenganos,  
Louvai, ó Nimphas, um natal tristonho  
De tão comprido sonho!...

7.

Novos vates do Vouga, o rouco canto  
Do vosso velho companheiro expira...  
S' elle tem jus ao pranto,  
Honrai-lhe a antiga lyra,  
Onde outr'ora cantou versos sem pejo,  
Que aprendêra no Tejo.

---

(1) A roxa flor da saudade.

(2) A triste flor do martyrio.

8.

Em tempo mais feliz, nas praias Lusias,  
Salitrosas, da fulgida Ulyssea,  
Teve a estima das Musas;  
Da cythara Phebea  
Alguns sons aprendeo; teve louvores  
D' affamados cantores.

9.

Em seu sabio Athenêo — alli — com elles  
Em tarefas poeticas cantava,  
Francelio (1) era um d'aquelles,  
Que as azas despregava,  
Seguindo o rasto de seus grandes socios,  
Alvos cysnes beocios.

10.

D'alli subia ao cume do alto Pindo  
Pelo trilho immortal do grande (2) Elmano,  
Quantas vezes — subindo —  
Belmiro (3) Transtagano  
Do alto lhe bradou: "Sobe sem susto  
Póz mim... affronta o custo."

11.

Outras vezes nas azas o tomava  
O melico cantor — cysne (2) Sadino:  
E tanto o remontava  
O epico (4) Thomino,  
Que nos raios de Phebo, onde voava,  
A frente lhe escaldava.

- 
- (1) Francelio Vouguense era o nome pastoril de Francisco Joaquim Bingre.
  - (2) Elmano Sadino era o nome pastoril de Manoel Maria de Barboza du Bocage.
  - (3) Belchior Curvo Semmedo Torres de Sequeira.
  - (4) Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

12.

A vêr estranhos lares o levavão  
O assombroso (1) Elmino, o sabio (2) Oleno;  
E os rumos lhe ensinavão,  
Que o grão-cantor (3) Ismeno,  
Imitador de Pindaro e d'Horacio,  
Descubrira no Lacio.

13.

Assim, tomando força, audaz subia  
Entre os Cysnes do Tejo ao Piério monte;  
A lyrica Thalia  
Muitas vezes a fronte  
Alli lhe engrinaldou de verde louro  
Ao som da lyra d'ouro.

14.

Por taças de christal o estilo puro  
Bebeo dos grandes Vates quinhentistas;  
Nunca o caminho escuro  
Seguiu dos seiscentistas.  
Foi por isso que ao Vouga o fez glorioso  
Bocage (4) luminoso.

15.

Que lições lhe não deo do canto agrario  
O seu dilecto amigo, o doce (5) Alcino!...  
Com que fogachos, Clario (6)  
D'alto fogo divino,  
O estro lhe accendeo, e o (7) grão-Jacindo  
Nas tarefas do Pindo!...

---

(1) José Agostinho de Macedo.

(2) Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

(3) João Vicente Pimentel Maldonado.

(4) Vid. o Prologo do Poema — As plantas — e a nota do Soneto nos seus ultimos momentos.

(5) Joaquim Severino Ferraz de Campos.

(6) Sebastião Xavier Botelho.

(7) Joaquim Ignacio da Costa Quintela.

16.

Mas ah!... De tantos Cysnes portentosos  
Só o rouco do Vouga agora resta!...  
De todos — seus famosos  
Socios — vio a funesta  
Passagem do Acheronte em fusca barca,  
Onde elle agora embarca.

17.

Ficou só o cantor do Vouga — annoso —  
Para as portas fechar da Academia!... (1)  
Elle chorou saudoso  
A nobre Companhia,  
A' qual a Fama ind' hoje erige altares  
Nos Lusitanos Lares.

18.

Quem hade hoje carpir a mortal queda  
De Francelio Vouguense octogenario?...  
Findou a lavareda  
Do facho incendiario,  
Que no éstro accendia altas fogueiras  
Aos Camões, aos Ferreiras!...

19.

Labyrinthos romanticos, charadas,  
Phrazes hyeroglyphicas do Nilo,  
São as afrancezadas  
Canções do novo estylo...  
Já se não cantão nenias lacrimosas,  
Elegías saudosas...

---

(1) A Academia de Bellas-Lettras, erecta no castello de S. Jorge por varios curiosos, debaixo dos auspicios de S. M. a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Primeira; e dirigida pelo intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique. Teve bastante nome em Lisboa; e fez no paço da Ajuda uma sessão ao nascimento da Sr.<sup>a</sup> D. Maria Thereza, primeira filha do Sr. D. João 6.<sup>o</sup>



# A. IMMACULADA CONCEIÇÃO

DE

N. SENHORA

em 8 de Dezembro de 1847.

SONETO.



ra n'este Celeste Augusto Dia,  
Por dever social, VIRGEM SAGRADA,  
Que a Vossa Conceição Immaculada  
Cantava a minha antiga Academia.

Eu, alumno tambem, a voz erguia  
Para troar na Olympica morada;  
E co' a mente em fervor incendiada  
Tres vezes Pura, Vos louvei, MARIA.

D'aquella vossa Arcadia eu o primeiro,  
Que — voando nas azas do meu canto —  
Era da vossa Gloria o pregoeiro.

Mas hoje, que do chão me não levanto,  
Recebei d'esse alumno derradeiro  
A lyra, sem cantor, banhada em pranto.

# NA INVASÃO DE MASSENA

OUVINDO AS BOMBARDAS DO BUSSACO.

---

## SONETO. (\*)

**C**ahio Memphis soberba, Tyro altiva,  
Babylonia cahio, cahio Carthago;  
Troia em chammas ardeo, sentio o estrago,  
Do ataque pertinaz da mão Argiva;

Macedonia expirou; soffreo captiva  
Thebas, a de cem portas, mortal trago;  
Roma o nome perdeu: — no Estygio lago  
Submersas todas são, nenhuma é viva.

Cyro, Sesostris, Alexandre fero  
Jazem todos no pó; Darío ufano,  
E o filho de Pelêo, o heroe d'Homero;

Baixou ao reino escuro de Summano  
Julio Cezar audaz; sumio-se Nero;  
Resta cahir Pariz e o seu tyrano.

---

(\*) Este soneto foi nos recitado pelo snr. Bingre, alguns dias depois que o havia composto. Nunca admirámos tanto o nosso amigo, como n'aquelle momento de verdadeiro enthusiasmo patriotico: pareceo-nos perfeitamente inspirado, quando em particular nos annunciava a queda — mui proxima — do Grande Homem do Seculo. Verificada a prophesia, fômos tambem dos primeiros no cortejo respeitoso, com que muitos amigos tributáram ao insigne Vate do Vouga as bem merecidas homenagens.

O EDITOR.

AO ILLUSTRÍSSIMO SENR.

*Francisco Joaquim Bingre.*

EPISTOLA.

**F**rancelio, os versos li — que me diriges;  
No Ramalhetes os li: e os teus louvores  
Meu coração d'alta ufania enchêrão.  
Nem te deve admirar; porque provinhão  
De um Vate, que é Nestor dos Lusos Vates;  
Que, sem me conhecer, m'os tributára.  
E' assim que o louvor é doce, e grato  
Aos bem formados corações. Que montão  
Elogios — que arranca a dependencia,  
Ou provindos de quem jámais sondára  
Os mysterios de Phebo, e das Camenas? —  
Para o vulgo profano eu não escrevo;  
Para os nescios não canto. Amo os applausos ...  
Mas de ti, que — sorrindo — Euterpe, e Clio  
Entre os louros do Menalo frondoso  
Outr'ora coroárão, e te derão  
Sonora lyra, em que as canções resôão  
Do terno Amor, do zombeteiro Baccho ...  
De ti, cujo cantar admirei sempre  
Por seu estilo original, e a força  
Tão viva da expressão á graça unida.

Se me julgo poeta, é porque outr'ora  
Me acclamárão poeta — o douto Alfeno,  
De Filinto discipulo mimoso —  
O fecundo Moniz — o grave Ismeno —  
E o Homero do Sado, o meu Thomino.  
Elles meus versos com prazer ouvião :  
Lião-me os versos seus ; nem desdenhávão  
Meus sinceros reparos !... Quão saudoso  
Inda recordo seu amavel tracto,  
Seus conselhos, e exemplos ! Quantas vezes  
Adornei de festões de myrtho e flores  
Urnas, em que repousão cinzas suas !...

Curvado ao peso de sessenta invernos,  
De amigos taes privado, e quasi extincta  
A luz dos olhos, com saude debil  
Vivo... se é vida o existir sosinho  
No meio do bulício de Ulyssea ;  
Sosinho... porque fujo aos homens d'hoje,  
Que eu entender não sei, que não me entendem.  
Inda bem que a penuria não me opprime,  
E honesta subsistencia os Céos me derão !

Tal o engenhoso Ovidio, desterrado  
Entre os barbaros Getas, consolava  
As mágoas suas co'a sonora lyra,  
Cujos sons suavissimos cahião  
Nesses rudes ouvidos, como as chuvas  
Da primavera em retisnadas rochas,  
De que se escôão, sem que ao menos possão  
De verdejantes musgos revestil-as.

Quando findão meus publicos deveres,  
Côrro aos meus livros, como o cervo á fonte,  
Consultar sabios da famosa Grecia,  
Da prisca, e da moderna Ausonia, e Gallia.  
Outras vezes da cithara desprendo  
Os melodosos sons ; e se não canto,  
Como outr'ora, os ardentes Dithyrambos ;  
Se não posso seguir de Horacio os vôos,  
Inda posso meus versos dar ás Artes,  
A' Sciencia, á Virtude, á Liberdade.

Mas tu, nobre cantor, que ao patrio Vougar  
Dás ufania, dás brazão, dás honra ...  
Tu, que Euterpe prendou co' a lyra de ouro...  
Tu, que aos vates do seculo brilhante  
Do Terceiro João de perto imitas,  
Sensato imaginar, e a phrase culta ...  
Tu, a quem concedêra o Céu benigno  
Traspor da vida os términos prescriptos  
Ao vulgar dos humanos ... não estranhes  
Que eu, em nome de Phebo e das Camenas,  
Zeloso do esplendor das patrias letras,  
Te censure o descuido, com que negas  
Teus versos publicar. Longos estudos,  
Trabalhos longos — ficarão perdidos?...  
Reclama a Pátria do teu estro os fructos:  
De sepultada inercia, Horacio o disse,  
Pouco dista a virtude, que se esconde.  
O Eterno concede-te a luz do genio,  
Por que com ella os homens illumines;  
E debaixo do alqueire, ingrato, a fechas!

Dos herdeiros, e amigos, tu confias  
Que teus versos á luz darão? Não provão  
Tantos exemplos, que te illudes n'essa  
Lisongeira, fantástica esperanza?...  
Onde os versos de Thyrese? onde os de Alfeno?  
Dos do bom Corydon a maior parte?  
Os do canoro Ismeno — honra de Clio?  
Os de Oleno, e Barroco? ... Houve té-gora  
Um amigo, um parente, que das sombras  
Resgatasse do olvido — e á luz os dêsse —  
Seus versos immortaes?... A tantas perdas,  
Que as Camenas de Lysia afflictas chorão,  
Queres juntar dos versos teus a perda?...  
Queres ser como o insano, que pescando  
As perlas do Erythreo — da vida a risco —  
Frenetico depois ao mar as lança?...  
Queres ser como o impróvido menino,  
Que — para as desfolhar — as rosas collie?...

Melhor te inspire o céo, Francelio; escuta,

Do amigo pela voz , a voz das Musas :  
Não sacrifiques do teu estro a gloria  
A temor infundado , a vão capricho.  
Teus poemas publica , e verás como  
Crítica imparcial , co' a recta vara ,  
Dos ruíns os extrema ; e t'os consagra  
Ao público louvor , pública estima.

*José Maria da Costa e Silva.*

bibRIA



Seja que este de ouvir as grandezas d'elles  
Cantos do alto Pindo, que os cantos d'elles  
Na lora as suaves fôrmas graciosas d'elles

Com que primor a voz d'elles se estende  
Pois que nas unhas suas d'elles se estende  
Por seu Cantor — mimos — d'elles se estende

A vista dos seus olhos, que d'elles se estende  
E folgando moçoilas a vista d'elles se estende

*Joze Maria da Costa e Silva.*

RESPOSTA

# bibRIA

*Junto das bravas agoas Oceanas  
Choro quanto cantei na mocidade.*

FR. AGOSTINHO DA CRUZ. Eleg. 10.

**G**andido Cysne, que no Tejo adejas,  
Cantando — docemente — sonoro,  
Causando aos cysnes do Caystro invejas;

Aqui — na foz do Vouga salitroso —  
Recebi com affecto, e com respeito,  
Teu sabio carne — epistolar honroso.

Se bem qu'ás Musas já não seja acceito,  
Por não poder nas azas carunchosas  
Suster-me, ha muito a rastejar affeito;

Sempre gósto de ouvir as grandiosas  
Canções do alto Pindo, que te ensinão  
De Jove as sacras filhas graciosas.

Com que primor a lyra ellas te affinão,  
Pois que nas aureas praias de Ulyssea  
Por seu Cantor — mimoso — te destinão!

A lyra, que possues, é a Febea  
A' vista dos bons sons, que d'ella extrahes;  
E julgo não me engana a minha idea.

São elles tão subtis, tão divinaes,  
Que — quem os ouve — fica extasiado,  
E não póde depois desejar mais.

N'outro tempo vivi acostumado  
A ouvir iguaes canções de meus bons socios  
No Tagitano Menalo affamado.

Mancebo então, em agradaveis ocios  
Nas tarefas das lucidas Camenas,  
Gosava de Aganippe os frescos rocios.

Mas o Tempo feroz, virando as scenas,  
Lançou-me ás praias da insalúbre Mira,  
Onde das azas me arrancou as pennas.

Hoje — caduco assás — nada me inspira,  
Nem podem já tirar gotosos dedos  
Sonoros sons da enferrujada lyra.

Não oiço rouxinoes, que cantem ledos,  
Dos viçosos raminhos pendurados,  
N'estes calvos areaes sem arvoredos.

Tristes dias — aqui — amargurados  
Passo n'uma infeliz caducidade  
Por decreto cruél d'avessos fados.

As verduras da minha mocidade  
Me faz pagar o Tempo com usura,  
Na minha longa — octogenaria — idade.

Que resta pois, bom Silva?... a sepultura;  
O descanso final acharei n'ella;  
Só alli findará minha amargura.

O nauta corajoso na procella  
Manobra c'o sentido em salvamento;  
Mas um velho — infeliz — não tem cautella.

Perdi o gosto á vida : o sentimento  
De uma fama floral , além da morte,  
Não me occupa um instante o pensamento!

Córte a Parca cruél o fio , córte...  
D'esta minha decrepita existencia;  
Termine de uma vez a minha sorte.

De que servio a pouca intelligencia,  
Que o Céu me deu de harmonica Poesia?...  
Póde ella — hoje — livrar-me da indigencia!

Nem a Jóvea Minerva , nem Thalia  
Me valem na velhice , em que me vejo :  
Indigente Cantor não tem valia!...

Já não quero louvores , nem desejo  
As capellas de myrtho , e de amarantho ,  
Que em outros tempos me offertára o Tejo.

D'esses , que ergui nas azas do meu canto,  
De apparente virtude revestidos ,  
Hoje nenhum me enxugaria o pranto.

Devem ficar no Lethes submergidos  
Os versos , que lhes dei : esses cantares  
Pouco importa que fiquem esquecidos.

Incensei servilmente os vaões altares  
D'esse profano Deos, que Amor se chama,  
Que enche os escravos seus de mil azares.

De sacrificios taes regeito a fama;  
Que por elles deixei de os fazer puros  
Ao verdadeiro Deos, que os homens ama.

Estes versos serão mais seguros,  
De uma fama immortal, de um nome honroso,  
Do que esses, que á vaidade dei, impuros.

O Cantor de Israël se fez famoso  
Subindo sobre as azas dos seus hymnos  
A vêr do Eterno o Throno luminoso.

Estes sim, estes são vôos divinos,  
Cem vezes mais — do que esses — affamados  
Dos grandes vates — Gregos, e Latinos.

Epinícios, que a Deos são consagrados  
Passão além da morte, em via recta,  
A serem nas estrellas collocados.

Estes versos no Céu só tem a meta;  
São estes os, que dão eternidade  
A um distincto cantor, sabio poeta.

Estes sim, desejára eu sem vaidade  
Impressos inda vêr em minha vida,  
Como emendas da louca mocidade.

Mas ah! que esta vontade appetecida  
Não posso conseguir, douto Josino,  
Porque estou muito perto da partida.

Meu estado morboso, assás mófino,  
Me priva d'este gosto derradeiro,  
De dar ao prélo o Cantico Divino.

Este devia ser sempre o primeiro,  
Que havia dar a Quem o ser me déra,  
Que só para cantar me deu luzeiro.

Essas flores da minha primavera  
Eu devo desfolhar no meu inverno :  
Pois, de braços abertos, lá me espera  
Em seu Throno immortal o Pai mais terno.

Mira 13 de Julho de 1848.

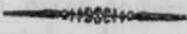
bibRIA  
*Francisco Joaquim Bingre.*



Que se para cantar ao deo natalicio,  
Que havia dar a Quem o ser me deo,  
Este deves ser sempre o primario,

## O POETA AO SEU NATALICIO.

Em seu Throno immortal o Pai mais terno,  
Fois, de hercos abstrahos, la me esparalhados,  
En devo desahar no meo mudo



### CANÇÃO.

Mira 13 de Julho de 1848

*Nesta lavada areia, em que me deito,  
Versos diversos canto dos primeiros,  
Que como pueris agora engeito.*

FR. AGOSTINHO DA CRUZ. Eclog. 9.

biblioteca

1.

**F**inalmente cheguei á grande meta,  
Onde negra columna o Tempo marca  
Da existencia propecta.  
Já vejo a fusca barca,  
Em que devo passar o pantanoso  
Rio do esquecimento pavoroso.

2.

Nestas fétidas ribas, tão luctuosas  
Co'as sombras, que vagueião dos finados,  
Ululando — medrosas —  
Com passos desregrados,  
Venho trazer, com susto ao precipicio,  
Hoje o meu derradeiro natalicio.

3.

Atravez de rochedos tão medonhos ,  
Onde eu oitenta e dois invernos trago ,  
Venho antigos sonhos  
Lançar ao turvo lago,  
Sepultando no frio esquecimento  
Chimeras, illusões do pensamento.

4.

Esses loucos festins, com que a vaidade  
De vaidosos mortaes celebra os annos ,  
E de uma vãa beldade  
Enfeitada de enganos ,  
Com musicas, com danças, com folgares ,  
Da lisonja incensando os vis altares ;

5.

As taças de christal orladas de ouro ,  
Onde saltinha o rubido Falerno ,  
E o bom moscatel louro ,  
Tão querido do inverno,  
Com que eu brindava n'outro tempo o dia  
Do meu natal, com fôfa companhia ;

6.

Vem tudo terminar nesta balisa  
Com essas pompas vãs do louco Mundo ...  
Tudo aqui se deslisa  
Neste pégo profundo  
Do somnolento Lethes, que esquecidos  
Faz todos os mortaes aqui trazidos.

7.

Quando as aguas provar do estófo rio  
Na passagem da barca de Charonte ,  
Ficarei no desvio  
Do que pensava honte ...  
Perderei a memoria d'esta vida ;  
Nada me lembrará n'esta partida.

8.

Ao fundo d'esse pégo a minha lyra  
Atirarei então ; quero se esqueção  
Os cantos da mentira :  
Quero que alli feneção  
Com ella os versos loucos fabulosos ,  
Que hoje — neste natal — me são odiosos.

9.

Se o meu nome cantar quizer a Fama ,  
Se o Vouguense Cantor de alguém lembrado  
Fôr com amante chamma  
De um coração lavado ;  
Não se lembre dos canticos profanos ,  
Lembre-se dos chorosos desenganos.

10.

As lyricas canções de um estro , acceso  
Nos fogos das paixões desordenadas ,  
A's iras do desprezo  
Só devem ser deixadas.  
Arrôjos de esquentada fantasia  
Produzirão fantasmas da Poesia.

11.

Esses incensos vão — que dei tão cego  
A's caducas fantasticas bellezas  
Com fraudulento apêgo ,  
E ás mundanas grandezas  
De egoistas venaes — forão perdidos  
Louvores , que a um Deos-Pai erão devidos.

12.

Agora que o meu sol entra no occaso ,  
Falho de oitenta e dois Julhos ardentes ,  
Olhando ao meu atraso  
Dos cantos negligentes ,  
Dando de mão á vã lyra Phebêa ,  
As cordas pulsarei só d'Harpa Hebrea.

13.

Eu , nesta minha derradeira aurora  
Do meu caduco dia natalicio ,  
Que os meus erros deplora ,  
De engrandecer o vicio  
Verei se emendo o mal... vai ser extinto  
Co'a dôr da contricção , que n'alma sinto.

14.

O' Deos , Senhor Immenso , que quizeste  
Conceder a um mortal tão longa vida ,  
Que o grande dom lhe dêste  
Da Poesia atrevida !...  
Ah ! perdôa , Senhor , ao vate ingrato ,  
Que empregou esse dom n'um falso trato !

15.

Só devião a Ti ser consagrados  
Os versos , que cantei na mocidade ...  
Cantos desperdiçados  
Nos cultos da vaidade ,  
Preferindo louvar nimphas fingidas ,  
Cruéis abutres das humanas vidas.

16.

Agora , que chegou ao final termo  
O meu dia natal , é que conheço  
N'este horroroso êrmo  
O tempo , que aborreço :  
O tempo , que passei , cheio de enganos ,  
Sem fructo algum colher em tantos annos.

17.

Real Cantor Hebreu , vate contrito ,  
Que nas azas do estro aos Ceos subiste ,  
Accolhe — ahi — meu grito ;  
Escuta o poeta triste ;  
Ensina-lhe a cantar trisagios hymnos  
Ao Supremo Senhor dos seus destinos.

18.

O seu ultimo dia natalicio  
Protege na passagem d'esta vida :  
Faze-lhe o Ceo propicio  
Na amarga despedida  
D'este enganoso Mundo, que illudira  
De tão frouxo cantor a fraca lyra.

19.

O' David immortal, meu estro ardente  
Faze voar nas azas da Poesia  
Ao Throno trifulgente,  
Neste meu natal dia :  
Dá-me, Cysne Divino, a voz canora  
Da Tua contricção triumphadora.

20.

Canção ! .. suspende os sons, chora, e suspira :  
Afoguemos na dôr do pranto nosso  
Nossa profana lyra.  
Quero inda ver se posso  
Versos — dignos do Ceo — cantar na Harpa,  
Que me possam salvar da esconsa escarpa.



## SONETO.

Os versos , que cantei importunado  
Da mocidade céga, a quem seguia ,  
Queimei [como vergonha me pedia]  
Chorando por haver tão mal cantado.

SONETO DE FR. AGOSTINHO DA CRUZ.

# bibRIA



A lyra, onde eu cantei amor profano,  
Vou agora cantar Amor Divino,  
De novo encordoada, e com mais tino  
Ao som da sacra voz do desengano.

Se algum dia — com ella — ao falso engano  
Dei louvores em louco desatino;  
Hoje o idolo conheço, vil, malino,  
Que em moço me cauzou acerbo dano.

Se o dom, que me foi dado, da Poesia,  
Pelo Supremo Author da Natureza,  
Eu não soube empregar, como devia,

Hoje d'esse cantar muito me peza! ...  
Hoje, em hymnos aos Ceos, com melodia  
Vou do ETERNO louvar toda a grandeza.

**SETE PSALMOS PENITENCIAES**

**AO ENTE SUPREMO.**

---

**DEDICATORIA.**

**SONETO.**



Deos, Supremo Artifice Divino  
Da humana construção maravilhosa,  
D'esta ambulante maquina estrondosa,  
Obra do Teu incognito Destino;

Eu, que as molas gastei d' aço tão fino  
Em desvairada vida vergonhosa,  
Que atravez sempre andei pela enganosa  
Estrada, que me fez de Ti indino;

Hoje — da vida na estação madura,  
Em que os erros da verde primavera  
Vejo do desengano na pintura —

Hoje venho offertar, á Tua espera,  
Outro canto melhor de eterna dura,  
Que sempre a Ti, Senhor, cantar devera.

PSALMO I.

*Miserere mei, Deus, secundum magnam  
misericordiam tuam.*

1.

O' Deos, sublime ser, Deos conhecido  
Pelas obras da Tua Omnipotencia!  
Aos olhos escondido  
Da Tua immensidade na sciencia!  
Eu me abysmo, Senhor, se a fundo penso  
No Teu poder immenso!...

2.

Eu, maquina ambulante, cujas molas  
Construidas por Ti andar me fazem  
No Globo, que Tu rodas  
C'um dedo do Teu pé; que se desfazem  
A um leve assopro Teu, que entrega ao vento  
O pó d'este fermento;

3.

Se eu, todo corrupção, dos bichos pasto  
Cedo vier a ser, pagando á terra  
O seu barro, mal gasto  
No abuso das paixões, cedendo á guerra,  
Que ellas fazem aos miseros humanos,  
Com seus falsos enganos;

4.

Se a Luz vivificante, que me anima,  
Ha-de a morte apagar por ordem Tua;  
Se a corda de alta estima,  
Que esta maquina move, a força sua  
Ha-de um dia quebrar; Tu, neste apêrto,  
Dá-lhe eterno concêrto.

5.

Pouco importa que á terra a terra dêmos;  
Ella nossa não é, é imprestada;  
Nós tornar-lha devemos  
Da mesma fôrma, que nos fôra dada:  
O que se deve a Ti, da contextura,  
E' só uma alma pura.

6.

Mas ah! como, Senhor, Te darei esta  
Tão candida, tão limpa, e tão formosa,  
Se o peccado m'a empesta?  
Como me atreverei dar-t'a nojosa,  
Despida do esplendor, que Tu lhe deste  
Do Teu fulgir celeste?

7.

Como ha-de ser das fézes despojada,  
Quando sempre trillhou sujo caminho?...  
Para ser encendrada,  
Como o ouro, no fogo do cadinho  
E' preciso o chrysol da Tua graça,  
E que limpa renasça.

8.

Só assim voarei purificado  
No cadinho da Tua mis'ricordia;  
Pois não posso — pesado —  
Subir, sem ter contigo paz, concordia:  
Se no fogo do Teu Amor me abrasas,  
Seguro irei nas azas.

PSALMO II.

1.

Causa immensa — sem fim — das causas todas,  
Universal Senhor da Natureza,  
Que no disco, onde rodas  
De teu brilho immortal na Gloria accesa,  
E's permanente Luz de eterno Dia,  
Que nunca principia;

2.

Tu, que apertas na dextra o raio acceso,  
Sem nunca Te queimar; que no Teu dedo  
Sustens do Mundo o peso;  
Tu, da Eternidade o grão-segreto,  
Por vã philosophia não mostrado,  
Ao calculo és vedado.

3.

Teus olhos são, Senhor, mais penetrantes,  
Que os vidros astronomicos da Terra:  
De Teus Paços brilhantes  
Vês a formiga, que no chão se encerra:  
Do mais pequeno insecto a Tua vista  
Os musculos regista.

4.

A Ti nada se esconde: os pensamentos  
De todos os mortaes Te são patentés:  
Tu sabes seus intentos,  
Muito antes de os formarem. Tens presentes  
Todas as coisas, que o porvir encerra;  
Nada Te occulta a Terra.

5.

Da Natureza as portas não se fechão  
Nunca ao seu Creador; desferrolhadas  
A Ti ver tudo deixão:  
Penetrão duras balsas intrincadas,  
Entrão nas fundas grutas pavorosas  
Tuas vistas riosas.

6.

Onde pois esconder, meu Deos, pertendo  
A grande multidão de meus delictos,  
Se do Teu Throno lendo  
Os estás no meu feio rosto escriptos!  
Tu do alto Ceo me vês todo enterrado  
Na lama do peccado.

7.

Ah! corramos... corramos á piscina,  
Contractos, a lavar nossos errôres;  
Brademos á Divina  
Clemencia, que perdôa aos peccadores.  
Na Tua immensa Piedade abrigo  
Eu busco, ó Pai amigo.

---

PSALMO III.

1.

Suspende, ó Deos de amor, os teus flagellos;  
Basta já de chover tantos castigos  
Dos crimes parallellos!  
Ai! eu bem sei que os homens, inimigos  
Se tem feito do seu Creador Eterno,  
Ouvindo a voz do inferno,

2.

Eu sei avaliar o quanto é justa  
A Tua ira, meu Deos, Tua vingança,  
Que a todo o Mundo assusta !...  
Sei que a Tua rectissima balança  
Péza — com igual mão — castigo, e premio,  
Da Tua Lei no gremio.

3.

Fecha... fecha os ergástulos da ira,  
D'onde soltas a fome, a peste, a guerra,  
Que a Tua mão atira;  
Tem compaixão de nós, males desterra;  
Troca n'um claro dia a escura noite;  
Pendura o teu açoite.

4.

Apiáda-Te de tantos innocentes  
Filhinhos — sem abrigo — desgarrados,  
A quem os pais dementes  
Com seus crimes fizeram desgraçados:  
Tem dó de tantas miseras donzellas,  
Expostas ás procellas.

5.

Ah! se a Tua justiça satisfeita  
Está, Potente Deos, depõe o raio;  
E os nossos ais aceita:  
Toda a Terra, Senhor, posta em desmaio,  
Arrependida, clama piedade  
A' Tua caridade.

6.

Accepta os filhos prodigos, perdidos  
Do Mundo nas veredas enganosas,  
Que vem arrependidos  
Buscar Tuas pousadas luminosas.  
Perdôa-nos, Senhor, pelo Teu terno  
Immenso Amor paterno.

PSALMO IV.

1.

Tenho cantado na profana lyra,  
O' Deos — tão soffredor — profanos versos,  
Louvando com mentira  
Falsas mulheres vãs, homens perversos,  
Dando aos fantasmas vãos do Mundo infenso  
O Teu devido incenso.

2.

O dom, que Tu me déste da Poesia,  
Para as acções cantar só da virtude,  
Com doce melodia,  
Jámais em honra Tua empregar pude;  
Sempre affeito ás lisonjas dos mundanos  
Cantei os seus enganos.

3.

Ah! como errado andei em dar meu canto  
Do falso Mundo á estúpida vaidade,  
Esquecido do quanto  
Devia á Tua Excelsa Magestade:  
Quando devêra, ó Deos Omnipotente,  
A Ti cantar sómente!....

4.

Hoje, que frio já meu estro sinto,  
E' que tento cantar-Te, ó meu Deos, tendo  
O fogo quasi extincto?...  
Mas eu posso, Senhor, inda ir batendo,  
Ajudado por Ti, as frouxas azas,  
Se Tu de lá me abrasas.

5.

Eu bem sei que é já tarde, e muito tarde  
Para cantar, meu Deos, Tuas grandezas:

Mas, se a dôr, que em mim arde,  
Tem jus do Teu Amor inda às finezas,  
Perdoa-me, Senhor, faltas passadas,  
Em coisas mal cantadas.

6.

Mas ah! que vejo eu?!... Tua clemencia  
Dá mostras, ó meu Deos, de perdoar-me

A passada demencia!...  
Tu vens de novo a lyra encordoar-me...  
Eu vou cantar-Te já incendiado  
Em Teu fogo sagrado.

---

# bibRIA

## PSALMO V.

1.

O' Musa, que ensinaste o Rei Propheta,  
Na harpa a modular canções Divinas,

Tão sabia, tão discreta;  
Se a minha humilde lyra tu me affinas,  
Póde ser que tambem o mesmo faça...  
Musa, Divina Graça!

2.

Se a Moyses, se a David, se a Jeremias  
Arrancaste com teu sonoro canto

Tão doces melodias;  
Se a minha lyra affinas, talvez tanto  
Farei, Celeste Musa, se me inflammas  
Em tão Divinas chammas.

3.

Lança, lança, Deos Pai, Senhor Piedoso,  
Denso veo sobre as minhas, grandes faltas;  
Meu canto sonoro,  
Contrico, Te vou dar: se Tu me exaltas,  
Eu vou, como os Hebreos, Cysnes Cantores,  
Só dar a Ti louvores.

4.

A que porto porei primeiro o rumo  
Do veleiro baixel do pensamento?...  
Será ao Poder Summo  
Da Tua Immensidade, ó Deos Portento?...  
Ah! que este mar d'immensas maravilhas  
Não cortão nossas quilhas!

5.

Deixemos este mar, que não tem praias;  
Vamos, lyra, buscar porto seguro,  
No qual a salvo saias.  
Não vês aquelle cáes... e mar mais puro?...  
N'elle vamos surgir, n'elle ancoremos;  
N'aquelle cáes saltemos.

6.

N'este porto de Amor todos se abrigão  
Das mundanas borrascas da discordia;  
Aqui ventos não brigão;  
N'esta praça de immensa mis'ricordia  
Vem do Mundo os falidos mercadores  
Carregar de favores.

7.

Aqui vamos ganhar o que perdemos  
N'outro tempo, que as vis paixões cantámos.  
Agora só louvemos  
O excelso Rei dos reis; pois que ancorámos  
N'este porto feliz de um Pai piedoso,  
Tão terno, tão bondoso.

PSALMO VI.

1.

O' Deos de compaixão, Deos de piedade,  
Pelicano de amor, que o peito fendes  
Com tanta caridade,  
Só para alimentar aos que defendes  
Com Teu Precioso Sangue, que vertido  
O Mundo tem remido.

2.

N'essa fonte do Teu Divino lado  
A sêde apagar venho, que me mata,  
Por Ti, Senhor, chamado;  
Ah! quão sido, minha alma, tens ingrata  
A tão ardente Amor, a tanto affecto  
De um Deos tão bom, tão recto!

3.

Ave mansa caseira, que agasallas  
Debaixo d'essas azas teus filhinhos;  
Que incessante trabalhas  
Em sustentar, nutrir teus pintainhos,  
Comparação não tem o teu disvelo  
De Deos ao fino zêlo.

4.

O' Deos, Supremo Ser, que o mundo velas,  
Que do alto d'esse Throno nos vigias,  
Teus olhos sentinellas  
De todo o Mundo são; Tu nos desvias  
Dos males com Amor; se a Ti bradâmos,  
Soccorro em Ti achâmos.

5.

Do fúlgido Triangulo, que a Frente  
Magestosa Te cinge, ó Deos Eterno,  
A pedra mais fulgente,  
Que adorna o Teu diadema, é o Teu terno  
Amor, filho da Tua alta clemencia,  
Brazão da Omnipotencia.

6.

Por Amor, ó meu Deus, defendes tudo;  
Por Amor Tu enfreas rijos ventos;  
Do Teu Amor no escudo  
Quebrão a furia toda os elementos;  
Teu Amor faz que o Sol a Terra aqueça,  
Fructifique, e florea.

7.

Teu Amor aos mortaes alenta a vida;  
Tu abraças a Pedro, que Te nega;  
E a Thomé, que duvida,  
O mandas apalpar, quando se chega  
Para junto de Ti; nas Tuas chagas  
Tu com Amor o affagas.

8.

A Paulo, por Amor, do chão levantas;  
Tu por Amor a Magdalena ergueste,  
Que Te lavava as plantas  
Com lagrimas de dor; Tu a fizeste,  
Despida da vaidade peccadora,  
Mais fúlgida que a Aurora.

9.

Tu por Amor em fim baixaste ao Mundo;  
Ao homem por Amor o ser Tu déste;  
Por Teu Amor profundo,  
Do centro de uma Perola nasceste;  
Tu por Amor, á morte Te entregaste,  
E os homens resgataste.

10.

Tu por Amor... Mas onde me arrebatos?...  
Profundar teu Amor acaso intento,  
Com meu canto abstracto?...  
Onde meu desvairado pensamento  
Tentava agora ir, seguindo a onda  
De um mar, que não tem sonda?...

11.

Lyra, ao nosso baixel apanha as velas;  
Dêmos fundo no porto da ventura,  
Livres d'átras procellas.  
Amarrados na ancora segura  
Do terno Amor de um Deos, não a larguemos.  
Ai de nós... se a perdermos!!!

---

bibRIA

PSALMO VII.

1.

Pois me vejo ancorado n'este porto  
Tão seguro da Tua mis'ricordia,  
Dá-me, meu Deos, conforto  
Para com Tigo andar sempre em concordia;  
Não me tires, Senhor, tão forte amarra,  
Quando eu sahir da barra.

2.

Se outra vez velejar c'o panno solto,  
Ajuda-me, meu Deos; enche-me as velas,  
Lá no alto mar revolto,  
Com Teu sopro; e me salva das procellas,  
E dos corsarios crus; que seu forçado  
Não seja ao rémo atado.

3.

Salva-me dos parceiros, cachopos duros,  
Para não navegar c'o baixel roto;  
Dá-me ventos seguros  
Com rumo sempre igual, sê meu Piloto;  
Governe a Tua mão meu fraco leme  
No bravo mar, que freme.

4.

Das inquietas syrtes tormentosas  
Com Teu braço potente me desvia;  
E d'essas enganosas  
Serêas, que — com falsa melodia —  
Fazem fundir incautos navegantes  
Nas ondas inconstantes.

5.

Se o tufão apontar, Tu sem demora  
Faze que eu tome a tempo o solto panno,  
Linda Estrella d'Aurora,  
Que a todos guias sobre o vasto Oceano;  
Excelsa Mãe de Deus, Pura Maria,  
Meu tenue baixel guia.

6.

Faze com que este pobre nauta ousado  
Não se aparte jámais do fixo rumo  
Do Teu brilho sagrado:  
Tu a agulha lhe dá, dá-lhe o Teu prumo,  
Para não naufragar nas costas feias  
De inhospitas areias.

7.

Ninguém teme os tufões, por guia tendo,  
O' Piedoso Senhor, Tua Mãe formosa.  
Embora o mar fervendo  
Levante aos Ceos a frente marulhosa,  
Que sempre, quando o ar mais s' escurece,  
Seu Iris apparece.

8.

A' Tua Mãi, meu Deos, e a Ti me apégo  
N'esta róta infeliz do mar do Mundo;  
Faze que eu sulque o pégo,  
Sem temor de sumir-me no seu fundo,  
Para no porto entrar sem tempestade  
Da excelsa Eternidade.

9.

Não mais, lyra, não mais; suspende o canto;  
Da contricção nas azas só voemos;  
Ao Deos, tres vezes Santo,  
Perdão de antigos versos imploremos.  
Somos mortaes; só Cidadãos Divinos  
Lhe podem cantar hymnos.

bibRIA



— 88 —  
SONETO \*

DA

ILLUSTRÍSSIMA E EXCELLENTÍSSIMA SENHORA

*D. Catharina Michaela de Souza Cezar e Lencastre,*

DAMA DA ORDEM DE S. JOÃO DE JERUSALEM,

E

PRIMEIRA VISCONDESSA DE BALSEMÃO.

rande Deos, que do alto d'esse throno  
Lanças o braço ao peccador contrito,  
Escuta do remorso o humilde grito,  
Das tuas leis perdôa o abandono:

Tu da graça eficaz sómente o dono:  
Que nunca a pena igualas ao delicto,  
Dá-me socego ao coração afflicto,  
Tão proximo a dormir o eterno somno.

Debaixo d'uma magica apparencia  
Encobri os requintes da maldade;  
Mas qual é hoje a triste consequencia?...

Não me negues, Senhor, Tua piedade;  
Tiraste-me do abysmo da impudencia,  
Dá-me uma venturosa eternidade.

---

(\*) Glozado pelo Snr. Bingre quando, gravemente doente, se julgava nos ultimos momentos de sua existencia. A gloza, e o soneto forão já impressos — avulsamente — na Typographia do Governo Civil d'Aveiro.

O EDITOR.

GLOSA.

**P**ois á vista do porto estou da morte  
Com meu fraco baixel desarvorado,  
Por duros furacões d'um vento forte  
As velas rotas já, leme quebrado ;  
Pois a agulha n'um giro desvairado  
Não acerta no rumo do seu norte ,  
A Ti clamo no mísero abandono ,  
Grande Deos , que do alto d'esse throno —

II.

Acodes sempre aos ais da humanidade  
Amparando o mortal , que a Ti recorre  
Nos extremos da sua adversidade :  
Se impuro , mas constricto , a Teus pés corre ,  
Tu o lavas na fonte da piedade ;  
Como Pai o soccorres quando morre ; —  
Do alto d'esse throno ouvindo o grito  
Lanças o braço ao peccador constricto.

III.

Neste triste momento do naufragio ,  
Em que tenho o baixel já todo roto ,  
Escuta lá do Céu o meu suffragio ,  
Perdôa , Summo Deos , ao mau piloto :  
Prometto , se escapar d'este contagio ,  
De só a Ti servir ; ouve o meu voto !...  
Perdôa-me , Senhor , o meu delicto ,  
Escuta do remorso o humilde grito.

IV.

Naveguei através do mar ferino ,  
Do rumo da virtude desviado ;  
As syrtes das paixões cruzei sem tino ;  
No fundo peço andei sempre engolfado ;  
Não me lembrei do Teu pôder divino ,  
Nem da conta , que havia dar , culpado ,  
A Ti , da embarcação supremo dono ...  
Das Tuas leis perdôa o abandono.

V.

Pois sou feitura Tua, e Teu composto,  
Por Tuas mãos divinas fabricado,  
Não me escondas, Senhor, Teu santo rosto,  
Não me voltes as costas indignado ;  
A Teus pés, ó meu Deus, eis-me aqui posto  
Em pesarasas lágrimas banhado...  
Perdôa a este ingrato, e mau colono,  
Tu, da graça eficaz sómente o dono.

VI.

Fui mau agricultor, mau mareante,  
Nem no mar, nem na terra andei direito ;  
Trabalhei sem prudência, e delirante ;  
Não colhi — do meu trafico — proveito ;  
Fui mau trabalhador, e neste instante  
Que contas hei-de dar do mal, que hei feito?...  
Mas eu confio em Ti, Deus infinito,  
Que nunca a pena igualas ao delicto.

VII.

Põe Teus olhos em mim, ó Deus piedoso ;  
As feias culpas vê compadecido  
Deste teu filho ingrato, e descuidoso,  
Que neste mundo andou sempre perdido ;  
Perdôa o extravio criminoso  
Da Tua santa Lei, que arrependido  
A Ti clamo, Senhor... ouve meu grito...  
Dá-me soccego ao coração afflicto.

VIII.

Necessito, Senhor, do Teu amparo  
No trânsito final da humana vida;  
Pois me vêjo n'um triste desamparo  
No terrível momento da partida.  
Eu para Te seguir já me preparo,  
Para Tu me ajudares na saída;  
Pois me vejo, Senhor, em abandono,  
Tão proximo a dormir o eterno somno.

IX.

Escuta a confissão dos meus delictos,  
Companheiros crueis da Tua offensa;  
Escuta lá nos Ceos meus tristes gritos,  
Que vão subir da terra á Gloria immensa...  
Minhas culpas confesso entre ais afflictos...  
Minóra, Grão-Juiz, Tua sentença...  
Pêsa-me ter vivido com demencia  
Debaixo d'uma mágica apparencia.

X.

Nos prazeres do mundo embriaguei-me;  
Os appetites vão me envenenárão;  
Em enganosos filtros enredei-me;  
De Ti sordidos gostos me apartárão;  
Do mundo co' os louvores enganei-me;  
Do mundo as vís paixões me deslumbárão;  
Debaixo d'uma estúpida vaidade  
Encobri os requintes da maldade.

XI.

Seguindo a louca voz dos appetites,  
Não cuidei de mais nada sobre a terra;  
Minha devassidão foi sem limites;  
Os vícios me fizeram dura guerra;  
Não regeitei do falso amor convites,  
E o pesar — de o ter feito — já me aterra...  
Tive de enganos vís longa exp'riencia;  
Mas qual é hoje a triste consequencia?...

\*

XII.

Se os remorsos, que tenho no meu peito,  
De Te haver offendido podem tanto,  
Que fação lavar inda o meu defeito  
Com as turvas correntes do meu pranto;  
Se posso inda soldar o Teu preceito —  
Quebrado — com a dôr d'um triste canto,  
Adoça minha voz... por caridade  
Não me negues, Senhor, Tua piedade.

XIII.

Estende-me, ó bom Pai, a mão piedosa:  
Do chão, onde cabi, qual debil planta  
Açoutada de furia teape tuosa,  
Côm Teu divino affecto me alevanta,  
Pois soffreste por mim morte afiontosa:  
Com o sangue da Tua paixão santa,  
Com o Teu puro amor, e omnipotencia  
Tiraste-me do abysmo da impudencia.

XIV.

Se vieste remir a humana raça,  
Pela offrenda d'um puro sacrificio,  
N'uma alta cruz, por affectuosa graça;  
Se — sem obrigação — tal beneficio  
Tu fizeste aos mortaes, minha alma enlaça  
Em teus braços, Senhor; — sê-me propicio;  
Perdôa toda a minha iniquidade;  
E dá-me uma venturosa eternidade.



AO LER OS ULTIMOS SONETOS DA MESMA SENHOR...

SONETO.

# bibRIA



a cantora immortal, que honrara o Téjo,  
Da illustre Balsemão, da Sapho Lusa  
Lendo os versos finaes, que a Sacra Musa  
Lhe inspirou no seu ultimo bocejo;

Nelles o moribundo Cysne vejo,  
Que de cantar na morte não se escusa;  
Vejo uma alma feliz, que a Deos se accusa.  
E ao Céu remonta o divinal adejo.

Pois que lindas canções melodiosas  
Docemente cantou na mocidade,  
Nas tarefas das Tagides formosas;

Soubé melhor, voando á eternidade,  
Ir nas ethéreas salas luminosas  
Cantar hymnos d'amor á Divindade.

XII.

Se as ramosas que tenho no meu peito  
 De Te haver offendida podera tanto,  
 Que faço lavar esta e não deixo  
 Com as turvas correntes do meu rio;  
 Se... HONZE... DA... SENHOR...

**VELHICE E POBREZA.**

XIII.

Estende-me a tua mão, e não me deixes  
 Do chão; onde caí, qual debulha pisa  
 Acumada de fôfo e de pedras;  
 Com Teu braço ergue-me e não me deixes  
 Pois soffro por tua mão, e não me deixes  
 Com a verga da tua mão;  
 Com o Teu pé para não me deixes  
 Tirado de debaixo da tua mão.

ODE.

**1.**  
bibRIA

 em forças, sem vigor, enrvado ao peso  
 De oitenta e seis invernos, já não posso  
 Suster o podre tronco nos esteios  
 De umas delgadas cannas.

2.

Ellas vérgão commigo; qualquer vento  
 Me faz bambaleiar; em cima d'ellas  
 Não me posso mover, o equilibrio perco;  
 Tremelhicando caio.

3.

Estes tombos provócão mil risadas  
 Aos fôfos pétimetres, que vaguêo:  
 Dão palmadas as moças, e os valios  
 Em folguêdo me apúpão.

4.

Sou semelhante ao toiro dos rapazes,  
Que aturdido c'os berros dos gaiatos,  
Se assusta da algazarra, e cahe na praça;  
E, sem marrar, baquêa.

5.

Venturoso aquelle ente, que cadúca  
No scio da abundancia; e que se encosta  
Em duas, gordas burras, prenes de ouro,  
Muletas da Velhice.

6.

Se elle as sabe espremer com mão piedosa  
A bem dos desvalidos indigentes,  
N'ellas acha firmeza; e nunca falha  
Um tão seguro encôsto.

7.

Se as pernas lhe fraquêjão, se tropeça,  
Todos lhe dão a mão, todos o amparão;  
Nos braços esmolados tem escoras  
A senil caridade.

8.

Um velho — sendo rico — alegre vive,  
Se disfruta benefica saude;  
Não teme nem o peso dos invernos,  
A fome, nem o frio.

9.

Mas um pobre — decrepito — doente,  
Sem ter asylo, envolto em vis andrajos,  
Póde alegre viver, sem ter dinheiro,  
Com fome, e sem padrinhos?...

10.

Não se vence esta furia com palavras,  
Nem com métricas trovas do Parnaso...  
Só com aureos cartuxos se debella  
A mirrada penuria!

11.

Poucos são os Poetas, que não andão  
A braços sempre com tão negro monstro...  
O Cantor immortal do Gama cusado  
Luctou com elle sempre.

12.

Combateo esta furia toda a vida,  
Ora co' a espada em punho, ora co' a lyra,  
Nos Africanos campos .. Asia... Europa...  
Até ficar vencido.

13.

Não lhe valêrão as canções divinas  
(Hoje impressas nos jaspes da Memoria)  
Para o monstro vencer: morreu captivo  
De tão faminta furia.

14.

Bem dizia Garção, quando cantava:  
(Pobre como Camões, como elle Cysne)  
Não escreve *Lusiadas*, quem janta  
Em toalhas de Flandres.

15.

De que serve forjar mil versos de ouro,  
Se o pobre forjador não tem mais lucro,  
Na mesquinhez da vida, do que as fezes  
Do fundo do cadinho?!

16.

Se nos aureos clarins da Fama vôão  
De mil finados Vates os louvores...  
Tem elles, com seus inclitos cantares,  
Na morte mais proveito?

17.

Os que passêão nas florestas do Éden,  
Se tivessem lembranças d'esta vida,  
Em vez de agradecerem taes applausos,  
Maldirião a fama.

18.

O sabio, em quanto vive, quer socêgo:  
Se descanso não tem, se morre á fome,  
Que lhe importa o louvor?... Se lá chegasse,  
Praguejára os louvantes.

19.

Filinto, Coridon, Quita, e Bocage,  
Thomíno, e outros mais da Lusa Arcadía,  
Os louros desfolhados pela fome  
Aos ingratos deixarão!!!



MANOEL MARIA DE BARBOZA DU BOCAGE

INSIGNE POETA NA LUZA ARCADIA,

E

BEM CONHECIDO PELO NOME

**ELMANO SADINO.**

SONETO.



Depois de ter saltado o pantanoso,  
Turvo rio fatal do esquecimento,  
Desceo Bocage ao reino do tormento  
Sem soffrer o latir do Cão raivoso :

As duras leis de Minos rigoroso  
Não foi ouvir, c'o a turba, ao férreo accento...  
Pizou sem custo o negro pavimento  
Do longo espêssO Orco pavoroso...

Tudo gostou ali de ouvi-lo, e vê-lo...  
Com a Lyra immortal, que então pulsára  
Tudo encantou, ninguém ousou sustê-lo.

Só o monstro, que em vida o flagellára,  
O Ciume cruel, tentou prendê-lo,  
Se tão depressa ao E'den não passára.

**AO MESMO.**

SONETO.



*Longo tempo chorando memorarão*  
Sacras filhas de Jove a morte dura  
Do seu Cantor Elmano, e a grande altura  
Do refulgente Pindo abandonarão :

Seus instrumentos célicos quebrarão  
Sobre a campa da fria sepultura...  
Entre confusos ais, triste amargura  
De funebres cyprestes se c'roarão...

Apollo, sem clarão de Divindade,  
De bruços soluçou — beijando a lage  
De seu Cysne immortal — todo em saudade!...

E sobre ella com dôr ... muda language...  
Epitaphio, que passa á eternidade,  
Gravou por sua mão, pôz só **BOCAGE.**

MARCO ANTONIO DE CARVALHO DU ROY

ESCRITTA NA CIDADE DE LISBOA

EM 18 DE JUNHO DE 1848

SONETO.

**F**ilhos de minha Filha, amados Netos,  
Duas vezes meus Filhos tão queridos;  
Recebi os meus ultimos gemidos,  
Recolhei meus reconditos affectos.

Vós sois os meus amados mais dilectos,  
Em que sempre fixei os meus sentidos;  
Queira o Ceo que sejaes dos escolhidos,  
Que Deos escriptos tem nos Seus decretos.

Vai o fôro pagar á Natureza  
O vosso velho Avô que assaz vos ama,  
Envolvido nas mantas da pobreza:

Abrasado de amor na viva chamma,  
Nada tem que deixar-vos de riqueza,  
Mais que o debil pregão de sua fama.

SONETO.

**P**erdi todo o calor, sou todo um gelo ;  
Em turpor é cahido o meu composto ;  
Tenho frios os pés, mãos, peito, e rosto,  
E cheio de saraiva o meu cabello :

De pallido tornei-me em amarello,  
Perdi todo o sabor, perdi o gôsto ;  
A' misera indigencia vivo exposto,  
Supportando da gota o cru flagello.

Transformado n'um frigido esqueleto,  
Conservo quente só o meu juizo,  
E no meu coração um grato affecto :

Porém, se me faltar todo o preciso,  
De amarello talvez me torne em preto,  
Que é negra a fome n'este chão, que piso.

SONETO.



Q'rai parar esta maquina excellente,  
Este raro relógio delicado,  
Este moto continuo humanisado,  
Esta assombrosa construção vivente :

A corda vai quebrar , do gasto dente  
Da roda , que a prendia , tem saltado ;  
Todo o composto jaz desconcertado ;  
A pendula de um fio está pendente :

Trabalhou sobre um eixo de diamante  
Julhos oitenta e seis em marcha certa  
Com muito pouca variação rodante :

Hoje o tempo — de todo — a desconcerta ,  
Pouco trabalha já , durou bastante ,  
Até o proprio Auctor a não concerta .

SONETO.

**E**xcelsois Cidadãos da Gloria immensa,  
Santos e Santas da Divina Côrte,  
Que soubestes triumphar da dura morte,  
Firmes na Lei da nossa Santa Crença ;

Vós, que gozaes da Divinal Presença  
Do Supremo Senhor, Eterno, e Forte,  
Alcançai-me — dahi — ditosa sorte,  
E o piedoso perdão da Sua offensa :

Quando pezar a recta Magestade  
Feias culpas do meu proceder vario,  
Na balança da Sua integridade...

Se esse pezo fatal me fôr contrario,  
Lançai, Santos, na concha da piedade  
Uma gôta do sangue do Calvario.

SONETO.

**C**hegado estou de todo ao meu occaso ,  
Ja o meu horizonte se escurece ,  
Desgraçado o mortal , que não conhece  
Do seu longo viver o final praso !

Cahído estou do cimo do Parnazo ,  
Nem tornar a subir já me appetitece ,  
Porque todo o vigor se desfallece  
N'este chão , onde estou , humilde e raso.

Vou findar minha vida trabalhosa ,  
Exigindo da candida amizade  
Uma recordação triste , e luctuosa :

N'esta marcha fatal da Eternidade ,  
Quando eu despir a vida tão penosa  
*Dê-me o piedoso = ADEOS = commum saudade.*

## ERRATAS.

<i>Pag.</i>	<i>Vers.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
10	2	Inchado.	Inchando.
	20	O velho	Ao velho
13	17	Ja não se	Não se
42	4	de esperança	de esperanças
45	3	dos alterosos	de alterosos
50	2	Elmino	Elmiro
70	2	construção	construcção
71	9	rodas	rólas
81	12	perdermos	perdemos

**VENDE-SE**

No Porto : — na Typographia Commercial, rua de Bellomonte  
no livreiro *Guimarães*, rua dos Caldeireiros.

Em Coimbra — no livreiro *José de Mesquita*, rua das Covas.

Em Lisboa — no livreiro *Lavado*, rua Augusta.

PREÇO..... 300 réis.